

Índice

1. Introdução	4
CAPÍTULO I: A expressão oral em Língua Portuguesa	7
1.1. A importância da Língua Portuguesa (no mundo e em Cabo Verde)	7
1.2. Existência de duas línguas em Cabo Verde – a língua Cabo-verdiana e a língua portuguesa.....	9
1.3. A natureza da expressão oral.....	9
1.4. A expressão oral em Cabo Verde.....	12
1.5. A Formação do Professor de Língua Portuguesa.....	13
1.5.1. Formação de Professores de Língua Portuguesa em Cabo Verde.....	14
1.5.2. O ensino da Língua Portuguesa em Cabo Verde.....	15
CAPÍTULO II - O Desenvolvimento da Capacidade de Expressão Oral na Aula de Língua Portuguesa	18
2.1. Causas que Dificultam a Expressão Oral na Sala de Aula	20
2.2. Estratégias para o Desenvolvimento das Capacidades Subjacentes à Expressão Oral.....	22
2.3. A Capacidade Criativa na Expressão Oral.....	32
CAPÍTULO III - Metodologia.....	34
3.1. Caracterização dos Instrumentos utilizados.....	34
3.2. Caracterização da Escola Secundária Abílio Duarte.....	34
3.3. Análise dos questionários dos alunos.....	36
3.4. Análise dos questionários dos Professores de Língua Portuguesa.....	52
3.5. Considerações finais.....	67
4. Recomendações	69
5. Conclusão	71
6. Bibliografia	74
Anexo I – Questionário destinado aos alunos	77
Anexo II - Questionário destinado aos professores de Língua portuguesa.....	80

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Idade dos alunos.....	36
Gráfico 2 – Sexo dos Inquiridos.....	37
Gráfico 3 – Relação com a Língua Portuguesa.....	37
Gráfico 4 – Fomento da expressão oral.....	38
Gráfico 5 – Frequência de expressão oral na aula de língua portuguesa.....	38
Gráfico 6 – Expressão oral na Língua Portuguesa nos estabelecimentos públicos.....	39.
Gráfico 7 – Expressão oral na Língua Portuguesa nas outras aulas.....	39
Gráfico 8 – Expressão oral nos locais de recreação.....	40
Gráfico 9 – Expressão oral com os colegas e professores.....	40
Gráfico 10 – Expressão oral na Língua Portuguesa na rua.....	41
Gráfico 11 – Expressão oral na Língua Portuguesa em casa.....	41
Gráfico 12 – Importância do uso da Língua portuguesa: permite ser um bom comunicador.....	42
Gráfico 13 – Importância do uso da língua portuguesa: contribui para o sucesso profissional.....	42
Gráfico 14 – Importância do uso da língua portuguesa: não tem importância.....	43
Gráfico 15 – Importância do uso da língua portuguesa: facilita a aquisição dos conhecimentos.....	43
Gráfico 16 – Razões que impedem a expressão oral em português na sala de aula: pouco à vontade com professor.....	44
Gráfico 17 – Razões que impedem a expressão oral em português na sala de aula: pouco à vontade com os colegas.....	44
Gráfico 18 – Razões que impedem a expressão oral em português na sala de aula: dificuldades a nível da pronúncia.....	45
Gráfico 19 – Razões que impedem a expressão oral em português na sala de aula: erros de concordância verbal.....	46
Gráfico 20 – Razões que impedem a expressão oral em português na sala de aula: falta de motivação por parte do professor.....	46.
Gráfico 21 – Razões que impedem a expressão oral em português na sala de aula: timidez perante os colegas.....	47
Gráfico 22 – Razões que impedem a expressão oral em português na sala de aula: medo de ouvir a própria voz.....	47
Gráfico 23 – Propostas para o aumento/melhoria da expressão oral: exercitar (falar) o português nos ambientes extra-escolares.....	48
Gráfico 24 – Propostas para o aumento/melhoria da expressão oral: ler bastante livros.....	48

O desenvolvimento da Capacidade de Expressão Oral na Aula de Língua Portuguesa: Um estudo na Escola Secundária Abílio Duarte

Gráfico 25 – Propostas para o aumento/melhoria da expressão oral: fazer simulações em casa de um tema livre ou uma peça de teatro.....	49
Gráfico 26 – Possibilidade dos alunos expressarem mais e melhor na língua cabo-verdiana.....	59
Gráfico 27 – Sexo dos professores inquiridos.....	52
Gráfico 28 – Idade dos professores inquiridos.....	52
Gráfico 29 – Estratégias utilizadas na sala de aula: exposição participada.....	53
Gráfico 30 – Estratégias utilizadas na sala de aula: debate.....	53
Gráfico 31 – Estratégias utilizadas na sala de aula: dramatização oral.....	54
Gráfico 32 – Estratégias utilizadas na sala de aula: narração.....	54
Gráfico 33 – eficácia das estratégias utilizadas na sala de aula.....	55
Gráfico 34 – Recursos didáticos que desenvolvem a expressão oral: livro.....	55
Gráfico 35 – Recursos didáticos que desenvolvem a expressão oral: cartaz.....	56
Gráfico 36 – Recursos didáticos que desenvolvem a expressão oral: quadro.....	56
Gráfico 37 – Recursos didáticos que desenvolvem a expressão oral: vídeo.....	57
Gráfico 38 – Recursos didáticos que desenvolvem a expressão oral: rádio-gravador.....	57
Gráfico 39 – Recursos didáticos que desenvolvem a expressão oral: retroprojector.....	58
Gráfico 40 – Possibilidade da língua materna em dificultar a expressão oral.....	58
Gráfico 41 – Avaliação da expressão oral dos alunos.....	59
Gráfico 42 – Possibilidade do sucesso escolar estar relacionado com a expressão oral.....	59
Gráfico 43 – Possibilidade da escola oferecer condições para a promoção da expressão oral.....	60
Gráfico 44 – Condições que a escola oferece para a promoção da expressão oral: professores formados na área de Língua Portuguesa.....	60
Gráfico 45 – Condições que a escola oferece para a promoção da expressão oral: materiais didáticos eficazes.....	61
Gráfico 46 – Condições que a escola oferece para a promoção da expressão oral: realizações de concursos-teatro, recitações de poesias, apresentação de um tema livre em língua portuguesa.....	61
Gráfico 47 – Condições que a escola oferece para a promoção da expressão oral: atribuição de prémios a melhores alunos de Língua Portuguesa.....	62

1. Introdução

O trabalho ora a ser realizado tem como tema ***“O desenvolvimento da Capacidade de Expressão Oral na Aula de Língua Portuguesa: Um estudo na Escola Secundária Abílio Duarte”***.

Pensamos que no contexto sala de aula muitas vezes a expressão oral carece de ser mais desenvolvida, provavelmente, porque a maior parte dos alunos habitualmente não se expressam em português, mas em crioulo o que acaba por interferir no seu desenvolvimento. É neste sentido que propomos trabalhar o tema já referido onde no desenrolar do nosso trabalho vamos abordar vários aspectos que fazem parte da expressão oral. Talvez haja necessidade de dotar os professores de um conjunto de estratégias que possibilitem o desenvolvimento da expressão oral na língua portuguesa. Isto porque, parece também que as actividades que os professores realizam, muitas vezes não contribuem ou não motivam os alunos a exercitarem a prática da oralidade na mesma.

Considera-se que a língua materna é um importante factor de identidade nacional e cultural. No espaço nacional, o português é a língua oficial, a língua de escolarização. No entanto, a língua materna da esmagadora maioria da população escolar é a língua cabo-verdiana. Não obstante, o domínio da língua portuguesa é decisivo no desenvolvimento individual, no acesso ao conhecimento, no sucesso escolar e profissional.

Uma vez que através da expressão oral transmitimos os nossos sentimentos, pensamentos, juízos e opiniões, é pertinente que se dê atenção à competência da oralidade.

Como afirma Bergmann (2004:7) ¹ *“todos nós conhecemos a importância da linguagem oral para um melhor desempenho comunicativo do indivíduo em sociedade”*.

¹ Tese de Mestrado em Educação

Acreditamos que o desenvolvimento da expressão oral passa, sobretudo pela prática. Pensamos que o espaço sala de aula ganha um estatuto elevado no desenvolvimento desta competência aprimorando a competência comunicativa dos alunos.

Assim como a capacidade da compreensão oral, a capacidade da expressão oral *“pressupõe que o aluno seja capaz alternadamente emissor e receptor e que, durante a situação de comunicação, seja cada vez mais capaz de seleccionar os actos de fala convenientes”* (Gomes 1991: 24).

Na aula de língua portuguesa o professor tem como dever posicionar o aluno quer no papel do emissor quer no papel do receptor, uma vez que na expressão oral esses dois papéis estão envolvidos.

Partindo do pressuposto de que o espaço sala de aula favorece a prática da expressão oral, colocamos as seguintes hipóteses:

- 1º- A falta de expressão oral poderá estar associada às dificuldades que existem a nível do domínio da língua portuguesa?
- 2º- Na aula de português, os alunos exprimem-se mais e melhor na língua cabo-verdiana?
- 3º- Que razões ou motivos estão na base da ausência da expressão oral na sala de aula?

Partindo dessas hipóteses, um dos nossos objectivos visa essencialmente dar a conhecer as possíveis estratégias ou actividades que o professor pode desenvolver na aula de língua portuguesa a fim de estimular a expressão oral dos alunos, uma vez que, como afirmamos anteriormente, pensamos que esta competência carece de ser desenvolvida. Ainda relacionado com os alunos pretendemos saber que relação os alunos mantêm com a língua portuguesa no que toca ao seu uso quer no ambiente escolar quer fora da mesma. É de acrescentar ainda, como finalidade do nosso trabalho conhecer as estratégias que os professores estão a utilizar na sala de aula, ou seja, tentarmos perceber até que ponto estas estratégias são eficientes.

O trabalho está estruturado por três capítulos. No capítulo I vamos abordar, de entre outras temáticas relacionadas com o desenvolvimento da expressão oral na aula de língua portuguesa, a expressão oral em língua portuguesa. No capítulo II, estudaremos algumas causas que conduzem à ausência da expressão oral na sala de aula e vamos apresentar as possíveis estratégias que podem ser utilizadas na sala de aula como actividades para desenvolver a capacidade da expressão oral.

Já no último capítulo que será o capítulo III, procederemos à análise metodológica, onde caracterizaremos a escola, o público alvo, os instrumentos utilizados, bem como a

*O desenvolvimento da Capacidade de Expressão Oral na Aula de Língua Portuguesa: Um estudo na
Escola Secundária Abílio Duarte*

análise dos questionários quer dos alunos, quer dos professores. De seguida, realizaremos algumas recomendações e posteriormente procederemos à conclusão do nosso trabalho.

Capítulo I: A expressão oral em Língua Portuguesa

1.1. A importância da Língua Portuguesa (no mundo e em Cabo Verde)

A língua portuguesa, com mais de duzentos e quinze milhões de falantes nativos, é a quinta língua mais falada no mundo e a terceira mais falada no mundo ocidental. É o idioma oficial de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Macau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste, sendo também falada nos antigos territórios da Índia Portuguesa (Goa, Damão, Diu e Dadrá e Nagar-Aveli), além de ter também estatuto oficial na União Europeia, no Mercosul e na União Africana (http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua_portuguesa).

“Efectivamente a língua portuguesa é para nós um património: porque ela é um facto cultural; porque há mais de quinhentos anos que é utilizada em Cabo Verde, porque constantemente a recriamos e a enriquecemos com o nosso real que a molda e é moldado por ela” (Veiga 2004:75).

A língua identifica um país, uma nação, é através dela que todos os indivíduos se comunicam e por isso deve ser “bem tratada”, preservada e desenvolvida.

Em Cabo Verde, a língua portuguesa não deixa de ter a sua importância, como é óbvio, pelo facto de ser a nossa língua oficial. Conforme Veiga (2004) afirma, ela é um património para os cabo-verdianos. Ainda acrescenta que ela é um *“instrumento eficaz, quer para o diálogo inter-cultural, quer para a integração de Cabo Verde na comunidade internacional...”* (Veiga 2004: 106). Portanto, podemos constatar que o domínio da língua portuguesa é decisivo no desenvolvimento individual, no acesso ao conhecimento, no

relacionamento social com as várias comunidades de falantes da língua portuguesa e principalmente em Cabo Verde ela é imprescindível uma vez que poderá conduzir os alunos ao sucesso escolar, visto que ela é o veículo de ensino desde a escola primária.

Alguns autores consideram que “*o objectivo prioritário da aula de língua portuguesa será sempre o desenvolvimento da competência comunicativa. Isto é, o aluno deve aprender a usar melhor a língua*”²(Gomes 1991: 39).

Entendemos que em Cabo Verde a disciplina de língua portuguesa representa um papel ainda mais importante, na medida em que, por não ser a única língua do país, poderá ser um apoio importantíssimo para o apoio aos alunos, designadamente no desenvolvimento das suas competências, ajudando-os simultaneamente no sucesso das outras disciplinas e no futuro desempenho da sua profissão.

No que toca à correlação com outras disciplinas, quanto melhor os alunos comunicarem em língua portuguesa mais fácil será a apreensão e compreensão dos conteúdos das restantes áreas do programa. Ainda, eles desenvolvem a capacidade de utilizar a língua portuguesa quando aprendem, explicam e aplicam os saberes adquiridos nas várias disciplinas (Gomes *et al.*, 1991). Por exemplo, os alunos da área de Ciência e Tecnologia desenvolvem a compreensão e expressão oral e escrita quando estudam temas ou verbalizam o resultado de observações, ligadas às disciplinas como a Biologia, Física e Química, de entre outras. Os alunos da área de Económico-Social respondem a uma situação problemática, em Matemática também com recurso à língua portuguesa. Portanto, podemos considerar que todas as áreas giram à volta da língua portuguesa.³

Como disciplina, a língua portuguesa contribui para o desenvolvimento dos alunos a nível da compreensão e produção de discursos orais públicos; permite que o aluno consiga interagir verbalmente de uma forma apropriada em situações formais; ainda possibilita que o aluno seja um leitor fluente e crítico.

Consideramos ainda, que esta disciplina poderá ajudar o aluno, em cada ciclo de escolaridade, no desenvolvimento de competências específicas no domínio do modo oral (**compreensão e expressão oral**), do modo escrito (**leitura e expressão escrita**) e do **conhecimento explícito** da língua.

² 1º Volume, 3º Nível

³ A aquisição ou desenvolvimento da língua portuguesa permite que os alunos aprendam os conteúdos das restantes áreas do programa (Gomes *et al* 1ºV. 1ºe 2º Nível).

1.2. Existência de duas línguas em Cabo Verde – a língua Cabo-verdiana e a língua portuguesa

A população de Cabo Verde provém do cruzamento efectuado há alguns séculos atrás entre os portugueses e os africanos. Devido ao contacto desses dois povos surgiu um dialecto - o crioulo (Almada 1977) e como povos colonizados o português foi instituído como língua oficial. Tal como nos restantes Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), em Cabo Verde o português assume o estatuto de Língua Não Materna, no sentido de que desempenha não apenas uma função comunicativa, mas também enquanto Língua Oficial apresenta um estatuto social, político e cultural.

Em Cabo Verde o crioulo é falado pela maioria esmagadora da população. Segundo Veiga (Veiga 2004:72) “ *mesmo falando o Português somos crioulos; mesmo quando pensamos e vivemos em português, sentimos e existimos em Crioulo. Podemos «estar» com o Português, mas só conseguimos ser e existir no e com o crioulo*”

Portanto, é do conhecimento de todos a existência das duas línguas em Cabo Verde: o crioulo e o português. O crioulo é a língua materna, aquela que é considerada a língua de berço. Porém, temos o português que convive com o crioulo numa posição mais prestigiada pelo facto dela ser a língua utilizada nas situações formais como por exemplo na comunicação social, na imprensa, na escolarização, na administração etc. É de frisar que ele tem uma importância fundamental no processo educativo visto que é a língua de ensino. Entretanto, em domínios informais de comunicação, a vida decorre em crioulo com diversidades entre o crioulo de Barlavento e o de Sotavento.

1.3. A Natureza da Expressão Oral

A expressão oral passa sobretudo pelo uso da linguagem. Sendo assim, a linguagem verbal é um instrumento poderoso através do qual a expressão de pensamentos se concretize e além disso dependemos totalmente dela para comunicarmos no nosso dia-a-dia.

Segundo Almada (1977:10) “*a linguagem é uma ferramenta, cuja finalidade é servir quem a utiliza. Sem a linguagem não há verdadeira comunicação entre os seres: com efeito,*

é ela que constitui o código das nossas relações. Ela exprime tanto o mundo exterior como o mundo dos nossos pensamentos, das nossas sensações".

Quando falamos da expressão oral em língua portuguesa supõe que o indivíduo, concretamente o aluno, seja capaz de exprimir ou manifestar a sua opinião de forma clara e coerente em língua portuguesa, respeitando o seu funcionamento.

A **expressão oral** está relacionada com a capacidade para produzir cadeias fónicas dotadas de significado e conforme a gramática da língua. Esta competência implica o recrutamento de saberes linguísticos e sociais e supõe uma atitude cooperativa na interacção e o conhecimento dos papéis desempenhados pelos falantes em cada tipo de situação. No seu duplo aspecto, ela envolve falar e ouvir ⁴(Gomes *et al.*, 1991). Portanto, a expressão oral confronta o aluno perante duas situações: ele posiciona-se como emissor e também como receptor. Sendo assim, ela não deixa de ser um processo interactivo que envolve a produção e a recepção de informações.

Segundo Gomes *et al.* (1991:85) *“a expressão oral é afectiva, expressiva, sublinhada pelos gestos e pela mímica. Na expressão oral pode mesmo verificar-se alguma falta de rigor, ou mesmo algum erro de construção. Essa mesma falta de rigor pode acontecer também no campo do vocabulário (...). Contudo, pode e deve estar-se atento ao apuramento da expressão oral”*.

Portanto, a referida citação dá-nos a conhecer a natureza da expressão oral. Ela é uma das formas pelas quais se opera a transmissão de ideias, sendo a mais comum, é também a forma em que as pessoas mais erram em termos de eficiência da comunicação. Ainda, ela envolve os gestos e a mímica que desempenham um papel fundamental na comunicação. Ela requer que se saiba utilizar os aspectos específicos da linguagem como por exemplo as regras gramaticais e o uso de vocabulário.

A palavra, o gesto e a mímica intervêm conjuntamente na expressão oral. O professor deve consciencializar os alunos destes factos. Para tal, deve realizar actividades de

⁴“Falar é um instrumento de comunicação, na medida em que serve as nossas trocas conversacionais, a fala é o meio privilegiado através do qual nós interagimos socialmente” (Sequeira, 1993:123)

“Falar exige um perfeito domínio do aparelho fonador... não é só pronunciar os sons da língua. É saber utilizá-los na comunicação e fazê-lo com autonomia” (Reis *et al.*, 1992:38)

“Uma atitude intimamente ligada à função de ouvir é aquilo a que podemos chamar «saber escutar». Isto implica, primeiro dar ao outro tempo e condições para falar, distinguir no conteúdo o que é essencial..., estimular o outro a dar precisões necessárias a manter a comunicação..., demonstrar interesse pelo assunto da mensagem, provar ter compreendido a comunicação (Reis *et al.*, 1992:38)”

desenvolvimento das capacidades de expressão oral, mobilizando-as adequadamente levando em conta as potencialidades dos alunos (Gomes *et al.*, 1991).

Na expressão oral podem ocorrer erros como a realização indevida de concordâncias, má utilização de formas de verbos irregulares, e também incorrecção no emprego de estruturas complexas. Contribuem ainda para uma expressão oral pouco cuidada o uso abusivo de bordões de fala, emprego de estrangeirismos e também recurso constante a repetições (Gomes *et al.*, 1991).

Ter uma boa comunicação oral envolve clareza, ser natural ao fazer gestos, ter uma voz agradável e boa dicção e ainda utilizar uma linguagem adaptada ao destinatário e à situação (Gomes *et al.*, 1991).

A vida está marcada pelo discurso, seja na escola ou noutro local, seja em qualquer situação de contacto e convivência directa, quer na conversa telefónica, quer na relação com os meios de comunicação.

"O veículo por excelência do discurso directo é a expressão oral" (Trindade 1990:72). Na aula de língua portuguesa, o professor deve ser o primeiro a dar exemplo no que se refere à elaboração do discurso. Como educador o seu discurso tem que ser claro para ser compreendido. De acordo com Reis *et al.* (1992: 39) *"ajudar o aluno a organizar a sua fala com clareza e pertinência, com hierarquização de conteúdos e correcção na construção frásica é uma forma de o ajudar a pensar e a consciencializar-se do seu próprio pensamento."* Entendemos, com isto, que é tarefa do professor ajudar o aluno a organizar o seu discurso. Compete ao professor preparar o aluno para usar com autonomia e criatividade o desempenho do papel de emissor e receptor. Qualquer destas posições que ele desempenhe, o seu discurso tem que ser pertinente e coerente, de forma que as ideias transmitidas sejam claras. Portanto, será através das actividades propostas na sala de aula que o aluno conseguirá desenvolver uma boa expressão oral. Como afirma Valadares (2007:33) *"pretende-se a fluência e adequação da expressão oral em contextos diversos"* na expressão oral.

1.4. A expressão oral em Cabo Verde

Sabemos que nas situações comunicativas do quotidiano recorremos, com frequência, à mensagem oral e é através dela que o Homem se relaciona mais facilmente e se integra na sociedade. Portanto, a prática da expressão oral favorece a convivência entre pessoas, em que o Homem exprime os seus pensamentos, as suas ideias e os seus sentimentos. Porém, quando recorremos à mensagem oral é no crioulo que vamos expressar as nossas ideias e sentimentos, porque como já referimos ela é a nossa língua materna e sentimos mais à vontade em expressá-la. Sendo assim, pensamos que serão raríssimas as vezes que encontraremos um cabo-verdiano a expressar-se em português salvo se ele estiver a conversar com um português ou se ele estiver numa situação formal como por exemplo na comunicação social ou numa instituição onde é exigido que se fale o português.

Também uma das razões da pouca utilização da língua portuguesa, segundo Almada (1977), deve-se a um certo orgulho nacional, daí que a expressão oral em Cabo Verde em língua portuguesa não é muito evidente excepto nas situações formais como já referimos.

Pensamos que em Cabo Verde a expressão oral na língua portuguesa deixa muito a desejar, porque mesmo no contexto escolar presenciamos a utilização do crioulo. Nesta linha de ideias, o espaço reservado ao ensino e aprendizagem deve despertar nos alunos o gosto pela expressão oral em português, em qualquer contexto que estiverem, mesmo fora da escola.

Consideramos pertinente o que Amor (1993:13) frisou: “ *a condição fundamental para a aquisição/aperfeiçoamento de competências numa língua é o seu uso comunicativo – aprende-se a falar, falando*”.

Nunca é excessivo salientar que no que toca ao ensino e à aprendizagem da língua portuguesa é da tarefa do professor levar os alunos a serem competentes no uso desta língua especificamente no domínio oral, porque no espaço sala de aula o professor é que tem o papel de ensinar os alunos conduzindo-os à aprendizagem significativa de qualquer disciplina.

1.5. A Formação do Professor de Língua Portuguesa

No processo de ensino-aprendizagem o professor actua como um orientador, daí que ele está inteiramente comprometido na situação pedagógica. Isto compete-lhe agir com saber e arte naquilo que diz e faz dentro da sala de aula (Postic, 1990). Neste sentido, ele deve actuar como facilitador de aprendizagem.

Alguns séculos atrás a formação de agentes educativos era tida como algo inútil e, por consequência, a educação era entendida como uma ciência “secundária”. Mas graças ao pensamento de alguns filósofos como Piaget e Vigotsky, a ideologia de muitos sofreu algumas transformações e como consequência passaram a valorizar mais os processos de ensino e de aprendizagem.

Em todo o mundo algumas universidades, faculdades e instituições têm formado indivíduos com o objectivo de desenvolverem as potencialidades de outros sujeitos (Sequeira, 1993). A formação do professor visa acima de tudo dotá-lo de saberes e práticas para as actividades do ensino e como tal a formação de professores na área de língua portuguesa tem o mesmo objectivo.

A formação do professor tem por finalidade conceder-lhe competência em conduzir uma aula, de torná-la viva e ainda fazer participar os alunos. Contudo, ele não deve perder de vista as finalidades do ensino da língua portuguesa que abarca vários aspectos como motivar os alunos para a leitura, ter uma boa escrita, desenvolver nos alunos a capacidade comunicativa através das aulas relacionadas com a oralidade, sem deixar de mencionar a tarefa que o professor tem em ajudar o aluno na compreensão dos textos literários. Para que ele possa responder a todas essas exigências espera-se que o professor se sinta sempre motivado para continuar a aperfeiçoar a sua formação, quer pedagógica, quer científica, flexibilizar as suas práticas lectivas, bem como fazer sempre uso da reflexão individual e colaborativa. Ser docente é sinónimo de estar constantemente em formação, para ficar a par de tudo o que acontece numa sociedade globalizada e dinâmica.

1.5.1. Formação de Professores de Língua Portuguesa em Cabo Verde

Consideramos que qualquer processo de ensino-aprendizagem com sucesso é dotado de professores formados cientificamente e pedagogicamente nas áreas que eles mesmos escolheram para a sua formação e posteriormente como profissão.

O nosso país tem, ao longo dos anos, investido fortemente na formação de docentes, por entender que a qualidade em educação passa necessariamente pela formação. Cabo Verde possui algumas infra-estruturas de ensino superior públicas e privadas que se dedicam à formação de docentes. Tomemos como exemplo o Instituto Superior de Educação, actual Universidade de Cabo Verde. Esta instituição abriu as suas portas com o objectivo de formar professores qualificados nas diversas áreas de ensino e como é óbvio a formação na língua portuguesa não podia ficar de forma alguma excluída. É desta forma que os formandos realizam o curso de Estudos Cabo-Verdianos e Portugueses (ECVP) durante cinco anos completando com a realização do estágio pedagógico. Ao longo do curso os formandos têm a oportunidade de estudar disciplinas relacionadas com a língua portuguesa, como a Fonologia e Morfologia do Português, Didáctica do Português, Língua Portuguesa Prática da Comunicação, sem deixar de mencionar ainda as disciplinas pedagógicas. É de referir que devido a algumas mudanças no plano curricular de alguns cursos, a formação em ECVP, actualmente decorre em apenas quatro anos.

O estágio pedagógico é efectuado nas escolas secundárias da Cidade da Praia durante um ano lectivo que decorre numa das turmas do segundo (10º ano) e terceiro ciclo (11º e 12º ano). Normalmente, as escolas secundárias que recebem os professores estagiários são a Escola Secundária do Palmarejo então Escola Secundária Abílio Duarte, o Liceu Domingos Ramos e a Escola Secundária Cónego Jacinto.

O objectivo primordial do estágio é que os formandos tenham a oportunidade de conhecer e vivenciar experiências reais no ambiente sala de aula e aprender a lidar com elas. A actuação do professor estagiário é que ele consiga ter eficiência em organizar e conduzir uma aula, escolher estratégias e materiais adequados para chegar aos objectivos traçados pelo plano curricular.

As escolas secundárias do país albergam um número elevado de alunos que já têm o crioulo como língua materna. Neste sentido, a maioria dos alunos apresentam dificuldades a nível da aprendizagem do português e muitas destas dificuldades surgem já desde o ensino básico integrado.

Muitas vezes a falta de formação do professor provoca um mau ensino e como consequência uma má aprendizagem por parte dos alunos. Sendo assim, as dificuldades que os alunos apresentam a nível da aprendizagem da língua portuguesa poderá estar relacionada com o facto de os professores não possuírem uma formação científica suficiente para combaterem as lacunas que existem a nível do ensino e da aprendizagem da língua portuguesa.

1.5.2. O ensino da Língua Portuguesa em Cabo Verde

Segundo Veiga (2004), em Cabo Verde a língua portuguesa é um património cultural, daí que na educação ela não poderia ser excluída do currículo escolar. Sendo assim, ela continua a ser até hoje a única língua de escolarização.

Apesar de Cabo Verde disponibilizar a formação de professores na área de língua portuguesa, o ensino da mesma ainda continua a apresentar obstáculos quer por parte dos professores que não a dominam, quer por parte dos alunos que não estão familiarizados com o português.

Em Cabo Verde a língua portuguesa é ensinada desde o ensino básico integrado (EBI) ou seja desde a primeira classe (Pinto 2001). Portanto, o primeiro contacto com o português é nesta fase, onde o aluno não tem nenhuma noção do seu funcionamento, porque uma boa parte dos alunos, atrevemo-nos até a dizer, cerca de 90%, apenas falam a sua língua materna que é o crioulo.

Porém, é precisamente nesta fase que o ensino da língua portuguesa deve ser reforçado a cada aula que o professor ministra, porque o tempo em que os alunos tem a oportunidade de aprender o português é muito reduzido, daí que o professor não deve desperdiçar nenhum momento para ensinar os alunos a utilizarem esta língua (Almada 1977). O mesmo não deve perder de vista a importância de se falar sempre com os alunos em português quer fora da sala de aula e principalmente dentro da mesma. Se desde o início o professor inculcar nos alunos este hábito, estes não terão dificuldades quando chegarem ao ensino secundário.

Não podemos ignorar que o facto dos alunos possuírem o crioulo como língua materna e utilizarem o português apenas no contexto sala de aula constituirá, na maioria das vezes, um entrave no domínio da língua portuguesa. Se desde o EBI, o professor não incutir nos alunos a importância e a necessidade de eles aprenderem a língua portuguesa, a apatia pela mesma irá se arrastar até o ensino secundário.

O professor deve saber ministrar a aula a ponto de criar nos alunos o gosto pela disciplina e pela língua em si. É possível verificarmos que, principalmente no ensino secundário, os alunos demonstram uma admiração algumas vezes exacerbada pelo Inglês e Francês ao passo que a Língua Portuguesa, apesar de carecer de tal admiração, habitualmente não a tem. Como consequência, os alunos apresentam insucesso na língua portuguesa pelo facto de não mostrarem interesse em aprendê-la.

Porém, apesar do que acabámos de referir, acreditamos que existem soluções e o professor é que deve ter maior actuação neste sentido. Convém que ele varie as modalidades de trabalho, que estimule a utilização de outros caminhos para atingir o mesmo resultado no que toca aos objectivos traçados para uma aula de língua portuguesa. Ele deve ter sempre uma atitude reflexiva, ou seja deve examinar a metodologia que ele utiliza relativamente aos objectivos e progresso dos seus alunos.

Não podemos perder de vista que um dos princípios básicos da língua portuguesa é que os alunos devem ser estimulados desde o início a comunicarem em português (Gomes *et al.*, 1991). Sendo assim, para que tal princípio se concretize, o professor ao ensinar a língua portuguesa deve fazer com que a sua aula tenha momentos tais como: a distribuição de tarefas pelos alunos tendo em conta as diversas situações de aprendizagem e os diferentes ritmos de aprendizagem dos alunos, a apresentação das tarefas executadas oralmente ou por escrito e ainda a aplicação das aprendizagens em outras situações. Os princípios apontados anteriormente hão-de conduzir o aluno ao desenvolvimento das capacidades de compreensão e expressão orais e escritas e para que tal se concretize urge cada vez mais que nas escolas haja professores qualificados para o ensino. (Pinto 2001).

Segundo Almada (1977:9-10) a finalidade do ensino da língua portuguesa é *"fazer com que os alunos adquiram um conhecimento satisfatório da língua corrente e sejam capazes de falar correctamente a língua portuguesa; familiarizar os alunos com as diferentes utilizações da língua de modo que eles sejam capazes de reagir a uma determinada situação empregando os enunciados linguísticos que nela integram; habituar os alunos a pensar em português, impedindo que, inconscientemente recorram à tradução*

do crioulo para o português, o que levaria a erros sistemáticos de contaminação, os quais precisamente devem ser evitados".

O laço cultural e político que une Cabo Verde e Portugal faz com que a língua de Camões continue a ser transmitida de geração em geração e o ensino da mesma deve ser feita com rigor através de um trabalho conjunto entre professores, alunos e encarregados de educação contribuindo assim em dignificar a educação em Cabo Verde. (Pinto 2001).

CAPÍTULO II - O Desenvolvimento da Capacidade de Expressão Oral na Aula de Língua Portuguesa

A escola é uma das principais instituições que contribui para a formação pessoal do indivíduo. É neste sentido que ela alberga um número elevado de alunos com personalidades e ritmo de aprendizagens diferentes.

No dia-a-dia, um aluno dispõe de várias oportunidades para comunicar oralmente, nomeadamente na vida social e futuramente na vida profissional.⁵(Gomes *et al.*, 1991). Por isso requer-se que no dia-a-dia o aluno aperfeiçoe o domínio da comunicação e será na sala de aula a “oficina principal” para o desenvolvimento da sua comunicação concretizada através da sua expressão oral.

Em primeiro lugar, aprender é essencial para que o aluno satisfaça as suas necessidades e se organize de forma autónoma na relação com as pessoas e o mundo. Sendo assim, em qualquer relação pedagógica o principal objectivo que se pretende atingir é que os alunos tenham adquirido no fim do percurso os conhecimentos correspondentes às propostas do professor ou da instituição. (Reis *et l.*, 1992).

O desenvolvimento da capacidade da expressão oral pode ser feito através das actividades em que os alunos são colocados na situação de emissor e receptor. No entanto, elas têm de ser organizadas de um modo atraente e facilitador para que haja uma participação activa por parte dos alunos. (Gomes *et al.* 1991:29).

O professor ao propor tais actividades deve ter sempre em conta que os seus alunos são capazes e tem condições de realizá-las.

⁵ 1º Volume, 3º Nível

Como já foi referido o objectivo primário da aula de língua portuguesa será sempre o desenvolvimento da competência comunicativa⁶ do aluno. É neste sentido que o professor ganha certa responsabilidade. Segundo Reis *et al.* (1992:39) “*estimular a fala é um dos deveres do professor*”.

Desde o início da aula, o professor deve estimular os alunos a comunicarem em língua portuguesa expressando as suas ideias. A sala de aula constitui o berço principal em que os alunos irão aprender a desenvolver a capacidade da expressão oral exercitando a competência comunicativa.

Como educador, na aula de língua portuguesa, o professor deve criar na sala um ambiente de confiança de forma a levar os alunos a participarem com interesse nas actividades propostas. “*O professor deve actuar com os seus alunos como um companheiro mais velho e experiente, a quem compete orientar, com saber e arte, o ensino-aprendizagem*” (Gomes *et al.*, 1991:43). Infelizmente, pensamos que nem todos os professores têm esse perfil, o que afectará de certa forma o desenvolvimento dos alunos em nível da expressão oral.

Neste espaço, cada aluno tem a sua personalidade. Por conseguinte, há alunos tímidos que “*entram mudos na sala e saem calados*” e ainda há os desinibidos que sempre tem algo a pronunciar sem que o professor o provoque. Independentemente destas situações, cabe ao professor estar na posse de um conjunto de estratégias que estimulam os alunos tímidos ou menos desinibidos a participarem nas aulas expressando-se oralmente. Aqueles que já têm esta habilidade, ou seja, que participam sem nenhum estímulo apenas vão reforçá-lo ainda mais.

Um professor competente saberá seleccionar estratégias ou actividades adequadas para o desenvolvimento da expressão oral na sala de aula. O importante é que o professor consiga manter o interesse do aluno e fazer com que o mesmo reaja quando for estimulado. Isto porque, muitas vezes as estratégias utilizadas não dão certo, ou seja, não resultam na fomentação da expressão oral.

Contudo, cabe ao professor diversificar as estratégias de forma a atingir cada perfil de alunos. Na execução da sua estratégia ele poderá eventualmente dispor de alguns recursos

⁶ “A competência comunicativa, segundo Moirond (1982) apresenta várias componentes: uma linguística que consiste no conhecimento dos recursos formais de construções de mensagens e capacidade de utilizá-los. Engloba o *saber* e o *saber fazer* relacionados com a fonologia, o léxico, a morfologia, a sintaxe, a semântica. A componente sociolinguística engloba as *normas sociais e culturais* (regras de tratamento, de saudação, rituais de pedidos de desculpas... tendo em conta a idade, o sexo, o estatuto dos interlocutores as diferenças de registo...). A componente referencial prende-se com o conhecimento dos conteúdos sobre os quais nos pronunciamos. A componente discursiva prende-se com o conhecimento dos modos de organização dos diferentes discursos”. (Tavares 2000: 27).

didácticos⁷ (livro, cartaz, quadro, vídeo, rádio-gravador, retroprojector, fotografias etc.) que o auxiliarão a alcançar os seus objectivos, neste caso avivar a expressão oral dos alunos. (Gomes *et al.* 1991).

2.1. Causas que Dificultam a Expressão Oral na Sala de Aula

Um dos objectivos primários da aula de língua portuguesa é fazer com que os alunos saiam com um nível avançado na competência comunicativa do português e no domínio das outras competências como o ler e o escrever. Sendo assim, o que poderá estar na base da ausência da expressão oral na aula de língua portuguesa?

Não temos uma causa concreta e não afirmaremos de forma categórica que as que vamos apresentar são as causas da ausência da expressão oral. No entanto, vamos apontar as possíveis causas que pensamos que poderão estar na origem da ausência da expressão oral na sala de aula por parte dos alunos.

Em primeiro lugar temos que reconhecer o papel do professor. Este, como educador deve dar o seu melhor na aprendizagem dos seus alunos. Um professor bem informado e com formação saberá seleccionar as estratégias adequadas para colmatar as possíveis causas que dificultam a expressão oral dos seus alunos.

Tendo focado este aspecto, podemos apontar que uma das causas que dificulta a expressão oral nos alunos tem a ver com a falta de formação do professor na área de língua portuguesa, isto porque, sem formação dificilmente conseguirá garantir um ensino de qualidade, podendo manifestar mais dificuldade, por exemplo, nas estratégias, actividades, bem como as técnicas que fomentam a expressão oral na sala de aula. Quando isto acontece, consideramos que os alunos poderão não ter o acompanhamento necessário como se tivessem a oportunidade de trabalhar com um professor formado científica e pedagogicamente nessa área. As mais-valias que este poderá oferecer, à partida, contribuirão para o desenvolvimento mais harmonioso e pleno do aluno, dado que o professor terá a formação necessária para estimular os seus alunos a participarem activamente nas aulas, deverá flexibilizar estratégias de ensino e de aprendizagem, preparar os seus conteúdos com

⁷ Segundo alguns autores o professor pode combinar em simultâneo ou sequencialmente os recursos didácticos. Sendo assim, dois ou mais recursos podem ser utilizados ao mesmo tempo. Segundo o mesmo autor, embora se considere que raramente os professores disporão de todos os recursos, sempre poderão recorrer a alguns para dar mais consistência às estratégias utilizadas na sala de aula para desenvolver a expressão oral. (Gomes *et al.* 1991)

recurso a vários materiais pedagógicos e deverá também primar pela qualidade no domínio da língua portuguesa, designadamente na expressão oral.

No que concerne aos alunos, consideramos que as possíveis causas que dificultam a expressão oral muitas vezes residem neles próprios. Não devemos esquecer que uma turma nunca é homogénea, ou seja, vamos encontrar alunos com personalidades e ritmos de aprendizagem diferentes. Portanto, podemos encontrar alunos tímidos, desinibidos, rebeldes, extrovertidos, etc.

Sendo assim, são esses alunos tímidos que dificilmente abrem a boca dentro da sala para darem as suas opiniões, a não ser que o professor os provoque para tal. É de acrescentar ainda, que muitas vezes preferem não se expressar temendo os erros que poderão cometer a nível da concordância verbal e da pronúncia. Ainda, para não se exporem ao ridículo e a ludíbrio dos colegas preferem manter em silêncio a ficarem constrangidos. Infelizmente, tudo isso acreditamos que na maioria das vezes desestimula o aluno a investir nas próximas tentativas. Sobre este aspecto podemos acrescentar que pensamos que os erros de concordância verbal e de pronúncia devem-se ao facto da interferência do crioulo. Uma vez que o crioulo é língua materna, as produções orais dos alunos na maioria das vezes estão carregadas de expressões em crioulo⁸.

É possível ainda encontrar muitas vezes alunos que não sentem à vontade com o professor. Quando isso acontece raras vezes participam nas aulas, salvo se o professor os indicar. Portanto, ele deve incentivá-los sempre, chamando-os para participar nas aulas. Dessa forma o aluno começará a sentir mais à vontade, vendo que o professor tem interesse nele. *"Um bom relacionamento entre professor e aluno dentro e fora da sala é um dos factores que contribui para o desenvolvimento completo do jovem"* (Gomes et al., 1991:41). Quando não há um relacionamento sadio, deixa de haver uma boa cooperação dentro da sala de aula.

Não esqueçamos, ainda que *"na sala de aula, há lugares que incitam o aluno a participar, enquanto outros podem dificultar a sua participação"* (Tavares 2000:34). Nesta direcção reside uma das possíveis causas que dificultam a expressão oral na sala de aula. Os alunos que ficam sentados nas últimas carteiras, isto é no fundo da sala têm poucas oportunidades para falar, ao passo que os que estão sentados à frente têm mais probabilidade

⁸ Nos questionários aplicados aos alunos da Escola Secundária Abílio Duarte encontramos algumas produções escritas com interferência do crioulo. Só para darmos alguns exemplos encontramos a palavra "às vezes" escrita dessa forma "alves". Encontramos ainda palavras onde os alunos fizeram trocas das vogais, por exemplo, "errados" escreveram "erredos"; "hábito" escreveram "abeto". Estes exemplos servem para mostrar que alguns alunos apresentam dificuldades a nível da escrita.

de participarem porque estão mesmo à frente do professor. O professor deve estar muito atento a este aspecto, porque muitas vezes o fundo da sala é escolhido pelos alunos que não querem participar nas aulas, daí que mesmo estando nas últimas carteiras ele deve dar atenção especial a esses alunos fazendo com que eles se sintam mais envolvidos na aula.

Segundo Tavares (2000:33), *"a disposição tradicional da sala de aula, sobretudo nos níveis mais avançados é um obstáculo à realização de actividades de produção oral, uma vez que o olhar recíproco faz parte das estratégias interactivas"*. Neste sentido cabe ao professor usar de tática para saber lidar com esta situação uma vez que nas escolas secundárias da Praia e não só, a forma como a sala é arrumada faz com que sempre haja alunos sentados no fundo da sala, ou seja nas últimas carteiras, longe da vista do professor.

Mesmo havendo essas possíveis causas que dificultam a expressão oral, pensamos que existem soluções para fazer com que a sala de aula seja o principal espaço em que os alunos possam desenvolver a capacidade da expressão oral.

Tendo posto algumas das possíveis causas que dificultam a expressão oral, passaremos a abordar também as possíveis estratégias que desenvolvem as capacidades subjacentes à expressão oral.

2.2. Estratégias para o Desenvolvimento das Capacidades Subjacentes à Expressão Oral.

No contexto sala de aula as situações de comunicações criadas que desenvolvem a expressão oral devem aproximar-se tanto quanto possível de situações reais de comunicação. Assim, os professores de língua portuguesa devem proporcionar aos seus alunos as condições de ensino-aprendizagem, onde eles possam relatar as suas experiências, exprimir as suas ideias e desejos, pedir esclarecimentos e dar opiniões de acordo com os seus interesses. (Gomes *et al.*, 1991).

Cabe ao professor assegurar a participação dos alunos nas diversas actividades de modo que cada aluno tenha direito a intervir e a ser ouvido pelos colegas e pelo próprio professor⁹.

Segundo Gomes *et al.* (1991:96), “*as actividades de expressão oral desenvolvem capacidades como a memória, a observação, a imaginação e a criatividade.*” Além do desenvolvimento dessas capacidades, o aluno desenvolverá acima de tudo a competência comunicativa perante qualquer situação comunicativa que ele estiver em contacto. Logo, é da tarefa do professor confrontar o aluno perante várias situações na sala de aula tendo em conta as estratégias que ele utiliza.

Vários autores dão-nos a conhecer numerosas estratégias que o professor poderá utilizar para desenvolver a expressão oral dos alunos.

Sendo assim, vamos abordar algumas dessas estratégias, designadamente as que consideramos mais pertinentes para o desenvolvimento da expressão oral na aula de língua portuguesa.

• **Exposição Participada**

Antes de mais convém dar algumas definições sobre este termo. O que é uma exposição? Segundo o Dicionário Prestígio (2007), exposição é o “*acto ou efeito de expor*”;... “*modo de dizer ou explicar*”.

No contexto que estamos a trabalhar a exposição, podemos dizer que ela é uma apresentação oral dos resultados de um trabalho, onde as ideias se orientam para uma conclusão, podendo estar marcado por sentido crítico. A exposição surge com frequência, a partir do estudo de um assunto ou de um trabalho de investigação e procura dar conta dos resultados obtidos e das conclusões.

Alguns autores como Lamas e Amor mencionam a exposição oral como uma das técnicas da expressão oral. Na aula de língua portuguesa, o professor pode recorrer à exposição participada como uma das estratégias para fomentar a expressão oral dentro da sala de aula. Esta estratégia permite que o aluno desenvolva as capacidades de se expor oralmente não só perante um número reduzido de espectadores (alunos e professores), mas

⁹ “Uma sala de aula é um espaço de dialogo educacional, onde não importa apenas assegurar as aprendizagens de matérias curriculares: è – e talvez, sobretudo – um espaço de convívio democrático baseado no respeito de cada um por todos os outros. Esse respeito deve basear-se na expressão de ideias, mas sem prejuízo das normas de cortesia que são o lubrificante de toda a relação social. Não interromper abruptamente; não subir o tom da voz; não agredir verbalmente; não insultar – são imperativos absolutos, tanto do lado do professor, como do dos alunos”. (Trindade, 1990:77).

também a um auditório maior, por exemplo, numa conferência ou numa palestra se for o caso.

“Nos níveis mais avançados de escolaridade, propor aos alunos que façam exposições orais é uma forma de os preparar para futuras intervenções e um treino de autodisciplina...” (Reis, 1992: 47). No terceiro ciclo (11º e 12º) acreditamos que os alunos já têm capacidade suficiente para se exporem oralmente sobre um determinado tema, seja da escolha dos mesmos ou do professor.

Qualquer que seja o objectivo da exposição oral, o professor deve dar a conhecer aos alunos alguns requisitos para que saiam com sucesso antes e durante a exposição.

Privilegiamos a exposição participada, porque acreditamos que ela poderá ser um forte potencial no desenvolvimento da expressão oral, porque além de ser direccionada para o aluno que irá expor, permite também que a plateia (os colegas) tenha uma participação activa durante a exposição conforme o tema que for tratado e a forma como o tema é exposto.

Considera-se, no entanto, que o aluno tem que conhecer alguns requisitos para que a sua exposição tenha sucesso. Nesse caso, quais são os requisitos indispensáveis para que o aluno cative a atenção do auditório (colegas e professor) durante uma exposição?

Lamas *et al* (2007:96) defendem três requisitos indispensáveis:

- Que a exposição tenha interesse;
- Que esteja clara e convenientemente estruturada;
- Que o orador saiba utilizar a função fática.

Entretanto, atingir esses três requisitos requer e exige uma preparação prévia. Daí que a exposição oral envolve etapas ou fases. Antes da exposição é necessário que o aluno desenvolva as seguintes acções:

1. Preparar a documentação – Envolve a recolha e selecção de dados consoante o tema. Uma documentação completa e clara será útil, porque dado que é uma exposição participada há necessidade de clarificar passagens que eventualmente tenham deixado quaisquer dúvidas no público que assiste à exposição participada. Além disso, ter uma documentação completa facilita o aluno a argumentar e a justificar as suas referências. (Gomes *et al.*, 1991).
2. Elaborar um plano simples e claro – O aluno que irá expor deve ter o cuidado de construir o plano de modo que as várias etapas da exposição possam ser facilmente

seguidas pelos ouvintes (Gomes *et al.*, 1991). O aluno deve definir o plano inicial da sua exposição e modo de concluí-lo. Ainda, pode demarcar os pontos intermédios na sua própria sequência. Neste aspecto, o aluno deve ter a precaução de fixar o tempo que cada ponto intermediário deverá ser tratado. Ter esta precaução é indispensável, pois o aluno consegue que a sua mensagem oral seja bem transmitida, ou seja, correctamente compreendida.

3. Preparar o material de apoio – O aluno que irá expor talvez julgue conveniente seleccionar materiais de apoio que o auxiliarão durante a sua exposição. Esses materiais de apoio podem ser visuais ou auditivos (mapas, gráficos, diagramas, gravações, imagens, esquemas).

O aluno ao fazer uma exposição participada ele deve obedecer no mínimo às três fases já mencionadas e consideramos que elas são importantes para se atingir o sucesso de uma boa exposição.

Porém, no decorrer da exposição, ou seja, durante a exposição o aluno deve adoptar os seguintes princípios:

1. Guiar-se pelo plano elaborado – uma simples página de notas onde se alinhem em sequência os temas ou as palavras-chave permite que o aluno lembre do que ele vai transmitir no momento (Trindade, 1990). O guia deve conter apenas os pontos de apoio para desenvolver. Este suporte constitui um auxiliar precioso para o encadeamento da exposição e, sobretudo para que não se esgote o tempo disponível antes de se ter chegado á conclusão pretendida. (Trindade, 1990). Convém que a conclusão seja integralmente escrita para evitar possíveis desvios (Gomes *et al.*, 1991).
2. Evitar o desvio da atenção do público – Uma linguagem rebuscada ou demasiado vulgar pode desviar a atenção do auditório do assunto da exposição (Gomes et al, 1991). A desadequação de conteúdo muitas vezes provoca o desvio da atenção do público. O discurso do aluno poderá despertar indiferença, aborrecimento caso o conteúdo que ele esteja a transmitir seja demasiado afastado dos domínios do interesse da audiência ou ainda porque não traga nada de novo aos conhecimentos do auditório (os colegas).
3. Esforçar-se para expor de maneira motivante – Para que o aluno consiga motivação ele deve levar em conta alguns aspectos tais como:

- Não deve abusar de recursos a estratégias que causará riso na assistência como por exemplo, contar anedotas. O aluno deve estar atento a este aspecto porque fazer isso pode prejudicar a sua imagem.
- Deve estar atento às reacções do auditório para detectar sinais de fadiga, insatisfação com a apresentação (Gomes *et al.*, 1991). Caso o aluno detecte esses indícios ele deve modificar as suas táticas com a finalidade de eliminá-los tornando a exposição mais cativante e prazerosa.
- Deve variar a forma de apresentação dos problemas, fazendo por vezes apelo à experiência do publico ou mesmo questionando-o (Gomes *et al.*, 1991). Mas, visto que direccionamos pela exposição participada pensamos que o aluno não terá dificuldade em motivar a assistência neste sentido, uma vez que a exposição participada permite que o auditório reaja também dando as suas opiniões. Contudo, o aluno pode e deve recorrer às questões dirigidas ao público caso a sua turma seja pouco participativa.
- Deve utilizar criteriosamente os materiais de apoio seleccionados meios audiovisuais, não só como ilustrativos da exposição, mas também como meios indispensáveis à inteligibilidade de determinados conceitos. O aluno deve estar na posse dos materiais de apoio porque facilita a exposição e irá reforçar os conteúdos a transmitir (Gomes *et al.*, 1991).

De uma forma resumida, a exposição oral obedece a uma determinada estrutura que o aluno deve considerar. Ela é estruturada da seguinte forma segundo Lamas *et al.*:

- **Introdução** – enuncia-se o tema que irá ser apresentado, os objectivos despertando a curiosidade do auditório;
- **Apresentação do Plano** – anúncio claro das várias partes da exposição;
- **Exposição** – respeitará o plano estabelecido, se introduzir alguma digressão convém definir bem os limites,
- **Recapitulação** – sintetizará os aspectos mais importantes;
- **Conclusão** – apresentará o fecho da exposição, com a tomada de posição do orador.¹⁰

¹⁰ Pensamos que cabe ao professor dar a conhecer aos alunos as fases ou etapas de uma exposição, quer antes da mesma quer durante a exposição. Este aspecto é importante porque o sucesso de uma boa exposição oral depende de uma boa preparação prévia e os alunos só conseguirão fazê-lo se o professor lhes der a devida instrução.

Com antecedência os alunos preparam temas livres e dispõem cada um, de cerca de quinze minutos para expor, diante da turma, o assunto escolhido. O professor pode sentar-se no lugar de quem vai apresentar e, dessa maneira, ocorre uma modificação em termos de organização no espaço físico da sala de aula. Fica a critério de cada um trazer ou não algum material para enriquecer sua apresentação (cartazes, revistas, mapas, etc.). Depois que cada aluno terminar sua exposição, o professor pode disponibilizar um tempo em que os outros alunos (ouvintes) pedem a palavra ao orador para falarem ou fazerem perguntas. No entanto, o professor talvez não deva estipular um tempo de discussão por parte dos alunos quando se trata de um tema que provoque uma motivação geral na turma, principalmente se for uma turma de alunos que não participam. Sendo assim, ele deve aproveitar esta ocasião deixando-os livres para expressarem as suas opiniões.

- **Discussão Dirigida – Debate**

O debate é uma forma de discussão orientada e regulada por um moderador e centrado num tema estabelecido. Ela constitui um meio poderoso para se conseguir a participação dos alunos (Trindade, 1990). Sendo assim, ela pode ser uma das estratégias que o professor poderá optar para o desenvolvimento da expressão oral dos seus alunos na aula de língua portuguesa.

Ao contrário da exposição-participada, o debate pode versar temas do conhecimento geral, sem que haja uma preparação específica por parte dos alunos. (Gomes et al, 1991). O professor pode organizar um debate acerca de um tema polémico, como por exemplo, o direito das mulheres, a violência doméstica, o aborto, ou ainda a igualdade do género. Será pertinente também que ele lance um tema que já tenha sido tratado num texto numa lição anterior. Mas, convém que o conteúdo do texto já tenha despertado interesse na maioria dos alunos se não todos, caso contrário o debate ficará sem vida e sem intervenientes.

No entanto, na realização do debate existem alguns princípios que devem ser consideradas. No início referimos que ele é regulado por um moderador. Sendo assim, o aluno que irá desempenhar este papel deve ter um domínio considerável do tema a ser focalizado. Também ele deve tentar dar a palavra a todos (consoante o tempo), respeitando a

ordem dos que pedem para falar. Também, é o moderador que irá fazer a síntese no final do debate.

Outro princípio a levar em conta tem a ver com a organização do espaço. Se a turma for constituída por poucos alunos, a melhor disposição da sala de aula é à volta da mesa redonda ou oval. Caso a turma for numerosa, o ideal seria recorrer ao anfiteatro, caso a escola disponha de tal estrutura.

Acreditamos que o debate constitui um forte potencial em estimular os alunos a se expressarem, principalmente se o tema for atractivo, permitindo que os alunos expressem as suas próprias opiniões ou sentimentos¹¹.

Portanto, o debate *"estimula a reflexão, o saber ouvir e o saber reagir"*... *Dá aos alunos oportunidade de formular princípios com as suas próprias palavras*" (Gomes et al., 1991:31)

Os temas de conversação são importantes para o desenvolvimento de uma expressão oral autêntica.

• **Narração**

O dicionário Prestígio (2007) define a narração como *"acto ou efeito de narrar; relato minucioso de um facto, acontecimento ou sequência de eventos"; "exposição minuciosa, verbal ou escrita, de um universo constituído por personagens e eventos reais ou imaginários situados no tempo e no espaço; conto; história"*.

No que toca ao desenvolvimento da expressão oral, a narração é tida como uma das actividades que proporciona o desenvolvimento da expressão oral. O professor pode optar por esta estratégia para fomentar a expressão oral nos alunos na sala de aula.

Segundo Amor (2001:78) a narração envolve:

- Recontar histórias tradicionais (em prosa ou em verso);
- Inventar histórias sobre temas/problemas actuais e contá-las à maneira das histórias tradicionais;
- Contar histórias em rodízio: cada contador acrescenta um "ponto" à história;
- Contar histórias com apoio de imagens fixas ou animadas ("voz off");

¹¹ Segundo Reis et al., talvez haja necessidade em caso extremo de o professor aceitar falar com os alunos acerca de cinema, futebol, religião ou política se este for o único meio para treinar a oralidade dos alunos.

- Oralizar diálogos e outras passagens de textos lidos;
- Verbalizar sonhos, situações fantásticas, momentos difíceis (medo, surpresa etc.).

Pensamos também que será de grande estímulo para os alunos narrarem um livro de preferência deles e que estão mais familiarizados com o conteúdo da obra ou da história. Propor aos alunos que façam uma narrativa oral "*permite-lhes dar asas á imaginação*" (Reis, 1992:47), fomentando também a expressão oral dos mesmos.

• Pergunta e Resposta

A fim de conduzir os alunos a participarem, fazer perguntas é uma estratégia eficaz na estimulação da expressão oral.

Ao lançar perguntas o professor deve fazê-lo de forma que todos os alunos conseguem ouvir e ao mesmo tempo concedendo-lhes o tempo suficiente para organizarem as suas respostas. Portanto, na formulação das perguntas o professor deve ser claro e conciso. Tendo lançado a pergunta o aluno é que manifestará a disponibilidade para dar a sua resposta levantando o braço. Mas, é o professor que indicará o aluno que deve responder¹².

É de salientar que muitas vezes quando o professor lança uma pergunta a turma fica em silêncio sem reacção. A razão deste silêncio muitas vezes deve-se ao facto dos alunos não compreenderem a pergunta. Sendo assim, que posição o professor deve tomar perante esta situação? Segundo Gomes *et al.*, (1991:65), "*se os alunos não perceberem as perguntas, o professor deve apresentá-las de outra maneira, para que, depois de as compreenderem, eles possam responder adequadamente*".

Quando o professor sente que há certa dificuldade em obter respostas, ele deve fazer a pergunta de uma outra maneira (Gomes *et al.*, 1991) de modo que a pergunta fique acessível a todos os alunos.

O professor também não deve procurar interrogar sempre os mesmos alunos, mas sim estendendo a pergunta aos alunos que não tomam a iniciativa de responder por si só. Quando o aluno apresentar a sua resposta o professor deve aceita-lo de bom grado. De acordo com a pergunta o professor deve estimular os alunos a responderem de forma natural e expressiva.

¹² Convém que o professor indique o aluno a responder a pergunta quando houver muitos a mostrarem disponibilidade em responde-la. Este procedimento deve ser levado em conta porque quando tal não acontece os alunos ficam a responder todos ao mesmo tempo o que acaba por causar certa desorganização na aula e no fim acaba por não se perceber nada do que foi respondido. Entretanto, se não houver nenhum aluno a manifestar interesse em responder o professor também deve indicar o aluno que irá responder a pergunta.

Mas, caso a resposta estiver incorrecta, o professor deve corrigi-la *"mas nunca com demasiadas interrupções"* (Gomes et al., 1991: 65)¹³. Interromper em demasia faz com que os alunos fiquem inibidos quando comunicam. Como reforço deste aspecto Trindade (1990:77) defende que *"nada há que mais aborreça um aluno do que a permanente insatisfação do professor em relação a tudo quanto possa ser dito por aluno"*. Portanto, convém que o professor não fique o tempo todo a interromper o aluno quando ele está a falar.

Segundo Gomes et al., (1991:41) *"a correcção de erros permite ao professor criar novas situações motivadoras de ensino-aprendizagem, proporcionando aos alunos a compreensão do próprio erro cometido e o emprego de formas correctas em substituição das incorrectas"*. Corrigir os erros dos alunos é imprescindível, uma vez que durante a expressão oral podem ocorrer erros como a realização indevida das concordâncias, a interferência do crioulo, ainda erros de pronúncia, o uso abusivo de bordões de fala e emprego de estrangeirismo. Sendo assim, quando o aluno for corrigido ele será capaz de consciencializar do seu próprio e nas próximas situações ele não cometerá mais tais erros.

• **Dramatização**

Optar pela dramatização pode ser uma estratégia de grande estímulo na expressão oral dos alunos na sala de aula. Ela pode despertar muito interesse nos alunos que gostam de representar.

O professor pode escolher um texto dialogado, ou mesmo pode dar liberdade aos alunos de escolherem o texto em que devem estudá-lo da melhor forma possível para depois representarem perante os colegas e o professor.

Na dramatização, os alunos poderão exercitar vários aspectos que fazem parte da expressão oral, como por exemplo, o gesto e a mímica, a utilização das funções de linguagem que permitem dar mais expressividade ao discurso oral.

Pensamos também que a actividade da dramatização exige que o aluno seja muito desinibido para poder envolver nesta actividade da sua livre vontade. O acto de representar permite que o aluno se solte e quando tal acontece consideramos que ele se sentirá mais à vontade em se expressar na sala de aula. Sendo assim, será uma boa iniciativa se o professor indicar exactamente os alunos tímidos a executarem a actividade da dramatização a fim de criarem o hábito de expressar com espontaneidade na sala de aula. Não é que o professor

¹³ 1º Volume, 1º e 2º Nível

tenha que colocar o aluno contra parede, mas com tacto ele poderá incentivá-lo a participar nas actividades propostas na sala de aula.

• Simulações

No que respeita às simulações, o professor pode realizar esta actividade com os alunos, fazendo com que estes desempenhem diferentes papéis. Para que esta actividade saia com sucesso talvez seja necessário avisar aos alunos com antecedência a fim de terem o tempo para preparem e executarem esta actividade da melhor forma possível.

Por exemplo, na sala de aula os alunos podem simular que são jornalistas, onde poderão apresentar reportagens, realizar entrevistas¹⁴ ou ainda simular que estão a fazer comentários radiofónicos.

Ao fazerem simulação de locutores poderão apresentar informações sobre algum acontecimento da actualidade ou mesmo de um determinado bairro da cidade, ou ainda podem dar notícias sobre concursos que serão realizados. Na simulação de vendedores os alunos podem simular que estão a defender as qualidades de um produto ou de um artigo qualquer, por exemplo, vestuário, calçados etc. No que tange ainda a actividade de simulação a apresentação jogralesca de textos poéticos servirão para simular um poeta (Gomes *et al.* 1991). No terceiro ciclo há vários textos poéticos que fazem parte do currículo como, por exemplo, os textos da poesia trovadoresca (as cantigas de amor e as cantigas de amigo) em que o professor poderá aproveitá-los para executar a actividade de simulação. Também poderão organizar uma simulação sobre uma sessão de julgamento onde haveria de ter um réu, juiz e testemunhas.

Fazer simulações nas diferentes áreas já mencionadas (jornalismo, locutor, vendedor, poeta) permite que o aluno exercite a sua expressão oral de acordo com a situação que ele estiver explorando ao mesmo tempo a sua criatividade. No entanto, o aluno ao desabrochar a sua criatividade, o professor deve constituir como um andaime, ou seja, auxiliando-o e apoiando-o para que no fim saia um bom produto final.

¹⁴ "Na entrevista um dos intervenientes é detentor de mais conhecimento do que o outro sobre um determinado assunto, facto que leva o entrevistador a fazer perguntas de forma ordenada, adequadas à situação e ao entrevistado, explicitas nos seus objectivos e na sua expressão". (Reis et al., 1992:46).

A preparação da entrevista implica a definição dos objectivos; organização de um guião, constituído por uma serie de questões a colocar ao entrevistado.

A seguir apresentaremos algumas actividades que poderão ser utilizadas ainda para desenvolver a expressão oral segundo Gomes et al (1991:99-100)

- Descrição de imagens, de factos, de sentimentos;
- Apresentação de pequenas palestras;
- Jogos de perguntas e jogos de respostas (Qual a pergunta para esta resposta? Quem pode ter dado esta resposta? Em que situação pode ter ocorrido esta resposta);
- Fundamentação de opções: "Porque preferi isto...";
- Fundamentação de gostos: "Porque gosto deste programa...".

2.3 A Capacidade Criativa na Expressão Oral

Segundo Gomes *et al.*, (1991:24) "*a capacidade criativa do aluno constitui um dos aspectos importantes no processo de ensino-aprendizagem*". Como já referimos uma das capacidades desenvolvidas através da expressão oral é a capacidade criativa. Sendo assim, é preciso que o professor esteja ciente de que a sua atitude pode impedir ou favorecer o desabrochar e o desenrolar daquela capacidade. Neste sentido, o professor deve estar atento para não impedir de imediato os sinais de criatividade na expressão oral dos alunos. Há numerosas actividades que favorecem o desenvolvimento da criatividade no âmbito da expressão oral, dentre as quais vamos destacar o jogo dramático e a simulação. (Gomes *et al.*, 1991)

Sabemos que o desenvolvimento da criatividade na expressão oral faz-se pelo exercício da competência comunicativa. Portanto, a simulação e o jogo dramático revestem-se do maior interesse no desenvolvimento da referida competência e particularmente da criatividade, visto que conduzem a uma expressão progressivamente mais adaptada à situação e também mais sugestiva e fecunda. (Gomes *et al.* 1991).

O professor de Língua Portuguesa deve fazer com que a sua aula seja aberta, dinâmica e criativa, onde os alunos tenham a oportunidade de manifestar as suas capacidades criativas. Ele deve disponibilizar e estimular os alunos na resolução eficaz das actividades propostas.

Pensamos que através da realização das actividades que acabámos de anunciar, os alunos podem atingir os objectivos traçados e desenvolver a aptidão no uso da língua portuguesa.

O professor deve fazer com que as actividades não limitem os alunos a uma situação de meros ouvintes ou observadores, mas que promovam a execução de actividades na sala de aula. (Gomes *et al.*, 1991). Contudo, é indispensável que as actividades propostas sejam motivadoras de modo que os alunos adiram facilmente à sua pronta execução.

Capítulo III - Metodologia

3.1 Caracterização dos Instrumentos utilizados

Na realização deste trabalho foram utilizados dois questionários: um para os docentes de língua portuguesa e um para os alunos do terceiro ciclo da Escola Secundária Abílio Duarte. Apesar de termos inquirido apenas os alunos do terceiro ciclo da E.S.A.D., tivémos que recorrer, para responder aos questionários dos docentes, a várias escolas secundárias como Liceu Domingos Ramos, Escola Secundária Abílio Duarte e Escola Secundária do Tarrafal.

Para o questionário dos alunos (cf. anexo I) foram elaboradas nove perguntas fechadas e uma pergunta aberta. Enquanto questionário dos professores, conforme podemos ver no anexo II, constam nove perguntas fechadas e seis perguntas abertas. Os questionários apresentam mais perguntas fechadas, porque entendemos que iriam facilitar a obtenção das respostas por parte dos inquiridos, bem como facilitaria o tratamento dos dados. O tratamento dos dados obtidos foi realizado com recurso ao Excel.

3.2 Caracterização da Escola Secundária Abílio Duarte

- **Breve historial da escola**

A Escola Secundária Abílio Duarte recebeu este nome a 20 de Janeiro de 2009. Ela abriu as suas portas no início do ano lectivo 2002/2003 com cerca de 1500 alunos, ocupando o 1º e o 2º piso. No primeiro ano, ela não possuía nenhum material e inclusive as matrículas

foram efetuadas no E.B.I. Para o seu funcionamento, recolheu-se material degradado de outras escolas e começaram a leccionar só num andar com 22 salas de aula e 24 turmas, sem espaço para educação física. Durante o decorrer dos anos a escola foi-se equipando e hoje é uma das melhores escolas do país, já vai no seu 7º ano de existência, formando alunos nas mais variadas e distintas áreas opcionais, sem grandes avalanches da desistência ou abandono, como os próprios dados estatísticos a falarem por si numa altura em que já conta com alunos formados e vinculados no mercado de trabalho, outros ainda a estudar no país e no exterior (Marrocos, Portugal, Brasil, França, Senegal, Estados Unidos da América), em instituições e universidades como UNI CV, Jean-Piaget, Instituto Superior de Ciências Económicas e Empresariais (ISCEE).

É a primeira Escola Secundária do país que já conta com o novo modelo do sistema digital de avaliação que informatiza quase por inteiro o processo de avaliação e facilita igualmente todos os nossos serviços internos. Em face disso, orgulha-se dos ganhos até então conseguidos e perspectiva um futuro de sucesso para um ensino de excelência, continuando a contar com a colaboração de toda a população educativa e dos seus mais directos parceiros na prossecução dos seus objectivos.

- **Caracterização da escola em termos físicos:**

A escola fica situada numa zona de nível médio (Palmarejo) da Cidade da Praia, ela é uma das escolas mais bem estruturada do país, onde podemos deparar com pátios calcetados, pavilhão, placa desportiva e bancos à sua volta. A Escola Secundária Abílio Duarte, dispõe em termos logísticos, de 31 salas de aula, num total de 64 turmas, funcionando de manhã e à tarde; 2 salas de informática (na disposição dos alunos que tem como opção a disciplina, onde são leccionadas aulas teóricas e práticas de forma a dotar os alunos dessa escola de conhecimento suficiente na área para enfrentar o mercado de trabalho) 3 Laboratórios (de Física; Química e Biologia); 1 Sala de Professores; 1 Cantina escolar; 1 sala de Actos (realizam as reuniões com professores e encarregados de Educação sobre assuntos que dizem respeito tanto a escola como dos alunos com capacidade para 130 pessoas, equipadas com meios audiovisuais); 1 Biblioteca informatizada, com Internet para alunos e professores, Espaço para a prática desportiva (Pavilhão e Placa); 1 Bloco para as funções administrativas e vários balneários.

Também, a escola dispõe de 1 sala de coordenação, conselho de disciplina. A escola também possui duas máquinas fotocopadoras para facilitar os alunos na aquisição de algumas matérias.

- **Materiais de suporte pedagógico**

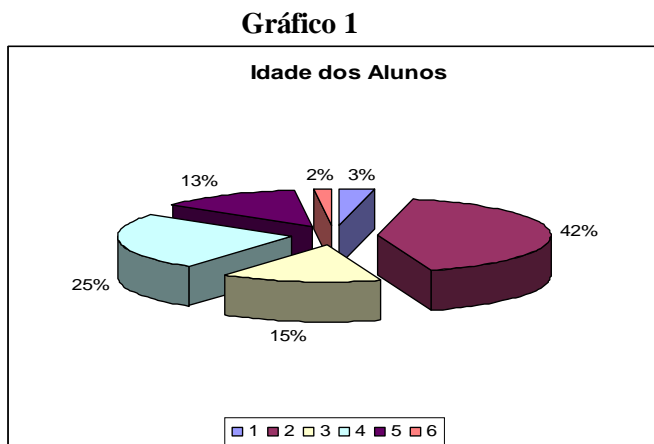
A escola não apresenta dificuldade em termos de materiais de suporte pedagógico tendo a sua disposição os seguintes materiais: computadores, retroprojectores, projector de slides, mapas, globos data show, vídeo gravador, televisão, maquina fotocopadora e etc.

- **Recursos Humanos:**

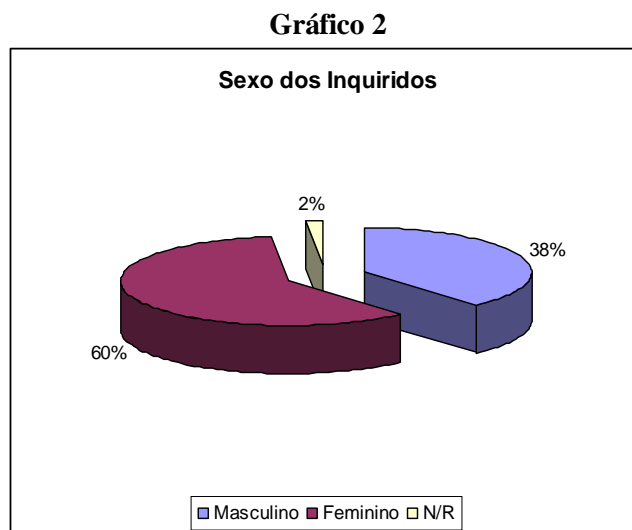
Em termos de recursos humanos, a escola dispõe de todos os órgãos constituintes do corpo directivo, incluindo a Assembleia e o Conselho de Disciplina. Conta com um total de 96 professores para cobrir um universo de cerca de 2230 alunos; dispõe de 9 Encarregados de Limpeza; 4 Contínuos e 4 Guardas funcionando em regime de turnos, para evitar eventuais constrangimentos.

3.3. Análise dos questionários dos alunos

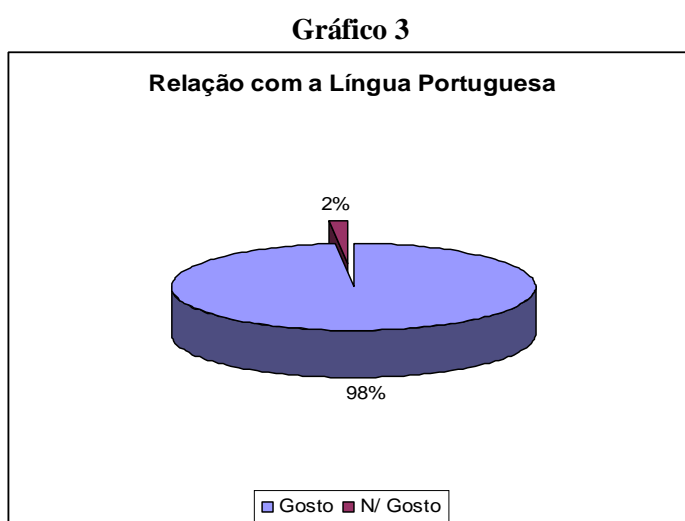
Conforme podemos ver no gráfico 1, no universo de 60 alunos, 3% tinham 16 anos , 42% tinham 17 anos, 15% tinham 18 anos, 25% tinham 19 anos, 13% tinham 20 anos e apenas 2% tinham 21 anos.



Relativamente ao sexo dos inquiridos, 38% eram do sexo masculino e 60% eram do sexo feminino e 2% dos alunos não responderam a esta questão, conforme podemos constatar no gráfico 2.



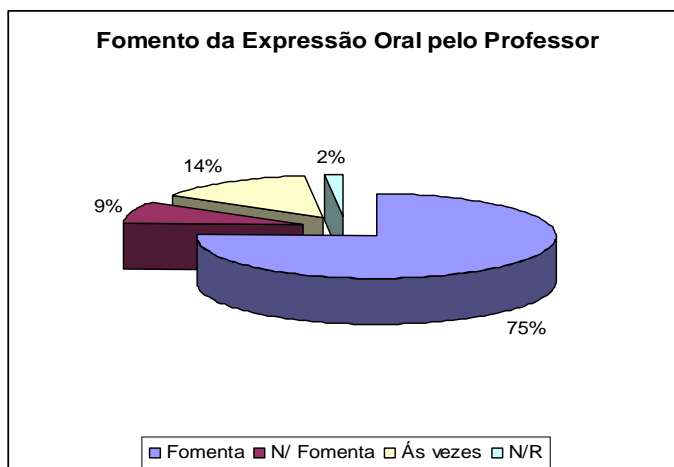
Dos 60 alunos inquiridos 98% dos alunos afirmaram que gostam da língua portuguesa, ao passo que apenas 2% (o que, na nossa perspectiva é bastante positivo, porque houve apenas um aluno no universo de 60 alunos que afirmou não gostar da língua portuguesa. O mesmo fundamentou a sua resposta afirmando que o português sempre tem muitas regaras gramaticais, apesar de nunca ser difícil de falar) diz não gostar da língua portuguesa, conforme podemos verificar no gráfico 3.



No gráfico 4, verificamos que 75% dos alunos concorda que o professor fomenta a expressão oral na sala de aula, mas, 9% dos alunos afirmaram que o professor não fomenta a

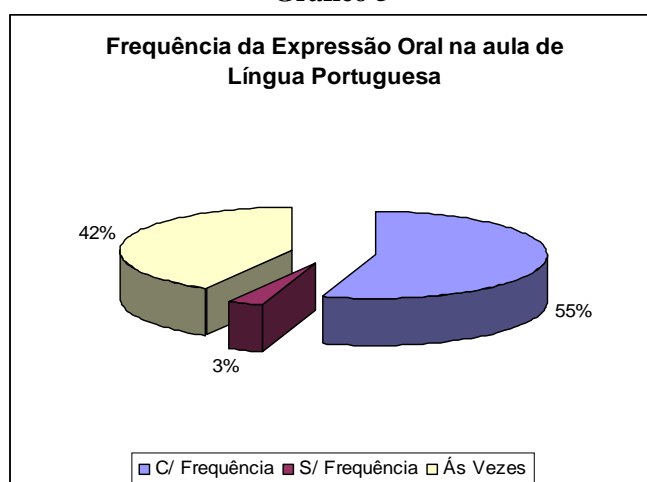
expressão oral, ao passo que 14%, afirma que às vezes o professor o faz. Porém, 2% dos alunos não responderam à questão.

Gráfico 4



O gráfico 5 dá-nos a conhecer com que frequência os alunos expressam-se na aula de Língua Portuguesa. No universo de 60 alunos, 55% dos alunos afirmam expressar-se com frequência na aula de Língua Portuguesa. Uma percentagem bem menor, 3% asseguram não terem o costume de expressar com frequência na referida aula. Entretanto, 42% dos alunos disseram que às vezes expressam-se na aula de Língua Portuguesa.

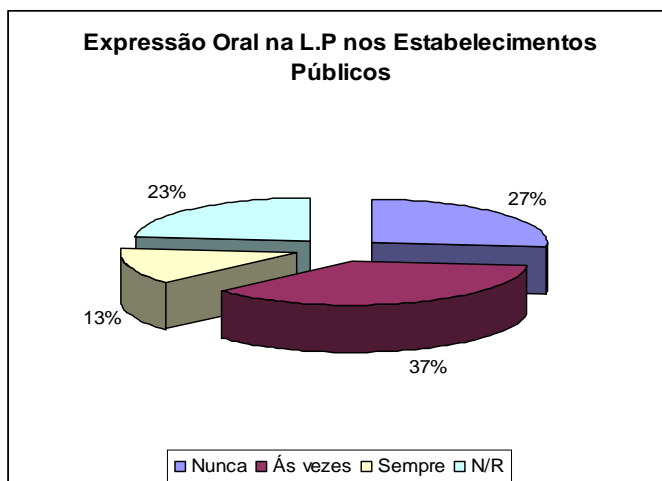
Gráfico 5



O gráfico 6 mostra-nos os dados sobre a expressão oral dos alunos na língua portuguesa nos estabelecimentos públicos. Sendo assim, 27% dos alunos afirmaram nunca

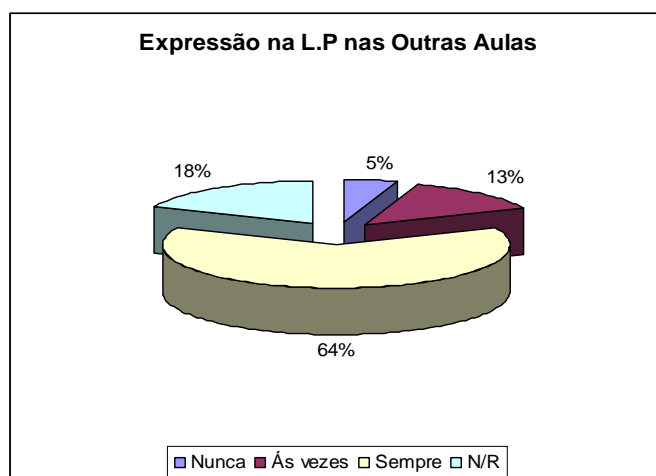
terem expressado na língua portuguesa nos estabelecimentos públicos, ao passo que 37% disseram que às vezes expressam-se em português nos estabelecimentos públicos. 13% dos inquiridos referiram que sempre se expressam nos estabelecimentos públicos em português. Porém, houve 23% que não responderam a esta questão.

Gráfico 6



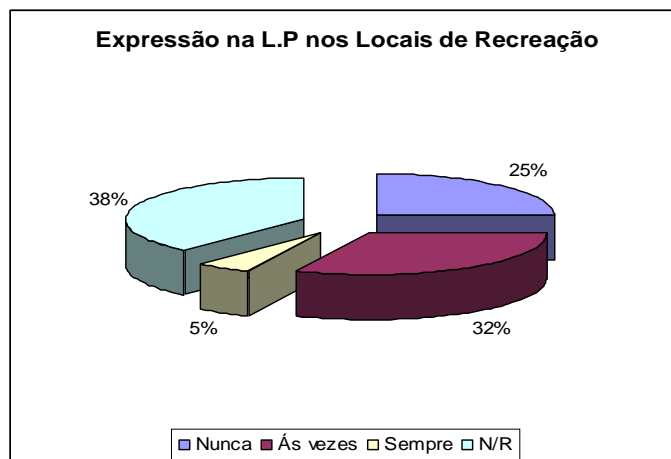
O presente gráfico (gráfico 7) é a prova de que a expressão em língua portuguesa nas outras aulas é significativa, dado que 64% dos alunos afirmaram que sempre se expressam em língua portuguesa nas outras aulas. Porém 5% declararam que nunca se expressaram em língua portuguesa nas outras aulas, ao passo que 13 % asseguraram que às vezes expressam-se nas outras aulas em língua portuguesa. 18% não responderam a esta questão.

Gráfico 7



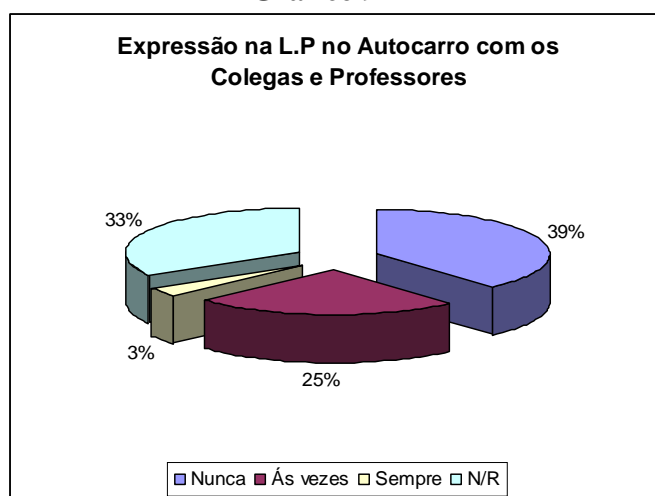
O gráfico 8 dá-nos a conhecer que 25% dos alunos afirmaram nunca terem expressado em língua portuguesa nos locais de recreação, ao passo que 32% disseram que às vezes o fazem. 5% dos alunos declararam que nos locais de recreação expressam-se sempre em língua portuguesa. Contudo, 38% não responderam a esta questão.

Gráfico 8



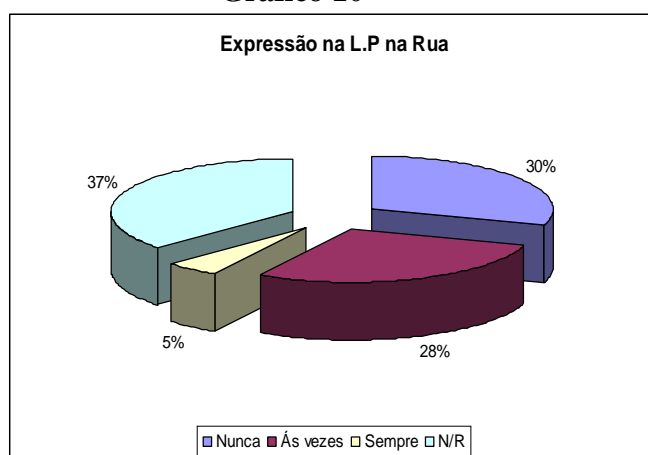
Segundo o gráfico 9, dos 60 inquiridos, 39% afirmaram que quando estão no autocarro com os colegas e professores nunca se expressaram em língua portuguesa. Entretanto, 25% confirmaram que às vezes o fazem. 3% dos inquiridos responderam que sempre se expressaram em português nestas circunstâncias, ao passo que 33% não responderam a esta pergunta.

Gráfico 9



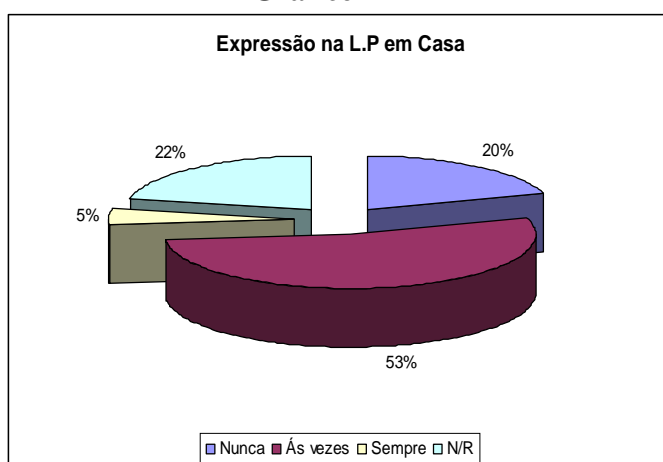
No gráfico 10, 30% dos inquiridos afirmaram que na rua nunca se expressaram em língua portuguesa, enquanto 28% dos alunos disseram que às vezes expressam-se na rua em português. 5% afirmaram que sempre se expressaram na rua em língua portuguesa. Contudo, 37% dos inquiridos não responderam a esta questão.

Gráfico 10



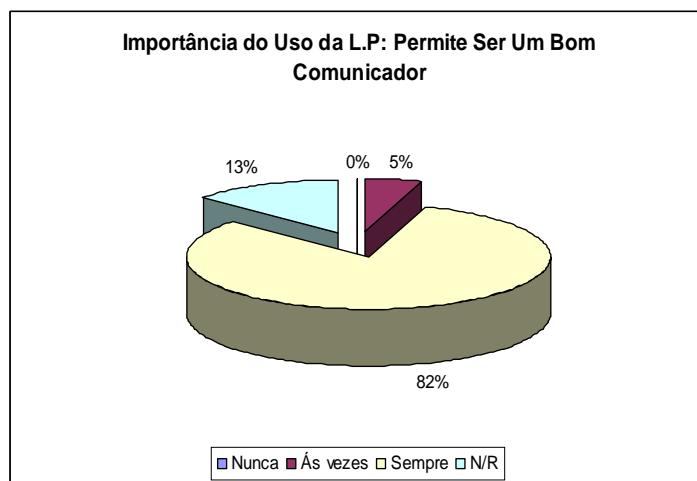
Da análise do gráfico 11, podemos constatar que 20% dos inquiridos nunca se expressaram em língua portuguesa em casa, ao passo que 53% afirmaram que às vezes expressam-se em casa em língua portuguesa. Apenas, 5% disseram que em casa expressam-se sempre em língua portuguesa. Todavia, 22% não deram a resposta sobre esta questão.

Gráfico 11



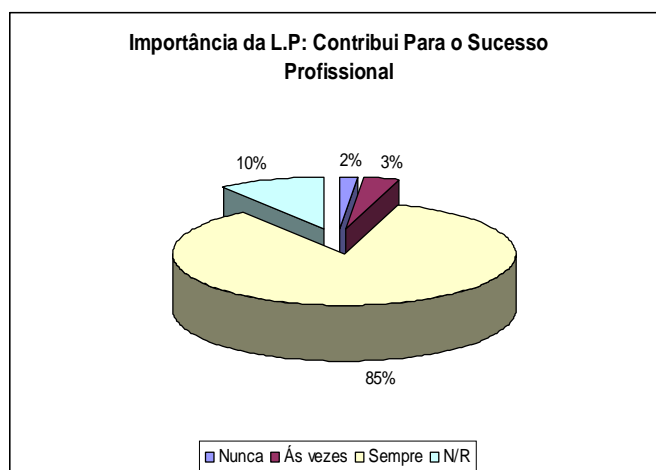
Sobre a importância da língua portuguesa, o gráfico 12 apresenta-nos os seguintes dados: nenhum aluno achou que a língua portuguesa não tinha importância em ser bom comunicador. Porém, 5% afirmaram que às vezes a língua portuguesa permite-nos ser um bom comunicador. 13% não responderam esta questão, ao passo que uma percentagem considerável de 82% concordaram que a língua portuguesa sempre nos permite ser um bom comunicador.

Gráfico 12



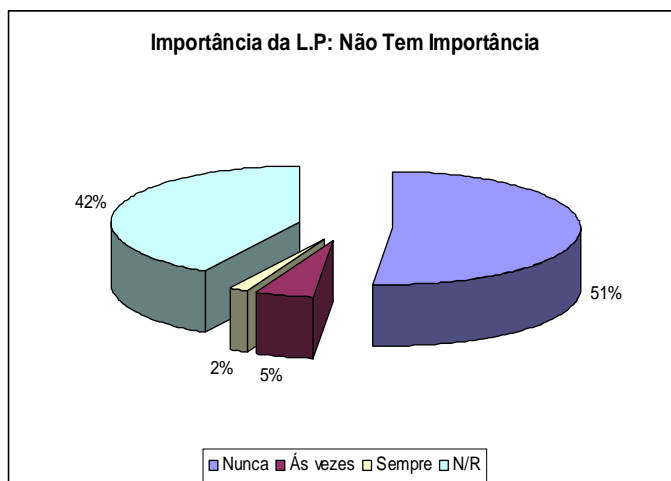
O gráfico 13 apresenta-nos os dados sobre a importância da língua portuguesa no que toca ao sucesso profissional. Apenas 2% afirmaram que ela nunca tem importância em contribuir para o sucesso profissional, ao passo que 3% disseram que às vezes o domínio da língua portuguesa contribui para o sucesso profissional. Uma boa percentagem dos alunos 85% afirmaram que a língua portuguesa sempre tem importância para o sucesso profissional. Porém, os que não responderam foram cerca de 10%.

Gráfico 13



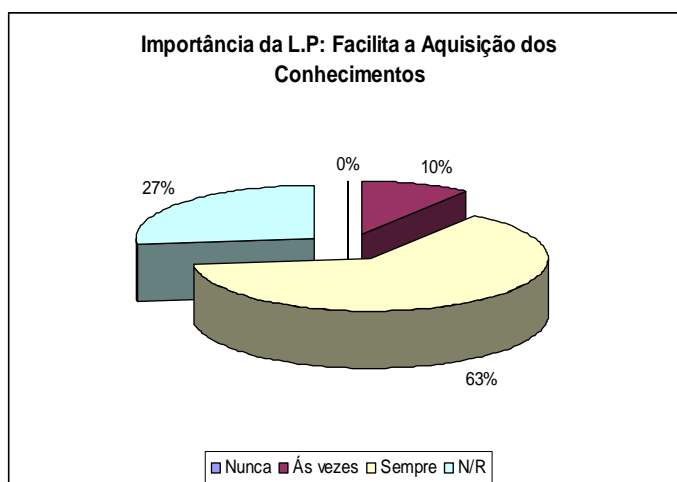
Segundo o gráfico 14, constatamos que 51% dos alunos inquiridos consideram que a língua portuguesa nunca não tem importância para o sucesso profissional, ao passo que 5% afirmaram que às vezes ela não tem importância. Uma percentagem bem menor 2% afirmaram que a língua portuguesa habitualmente não tem importância no sucesso profissional. Contudo, 42% dos alunos não responderam a esta pergunta.

Gráfico 14



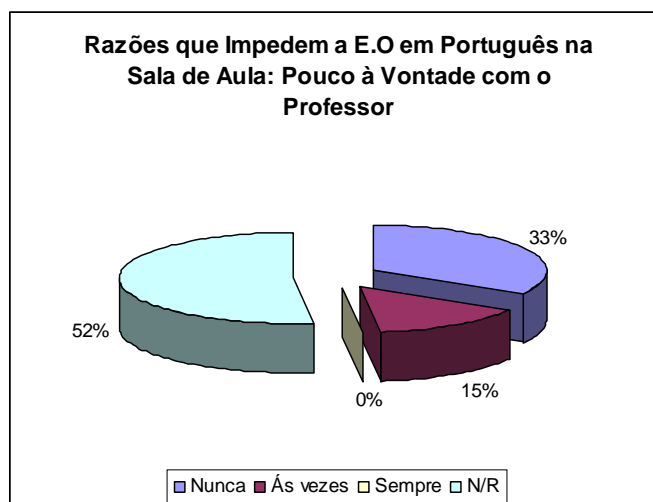
Ainda sobre a importância da língua portuguesa, os dados contidos no gráfico 15 dão-nos a conhecer que nenhum dos inquiridos afirmou que a língua portuguesa não facilita a aquisição dos conhecimentos, ao passo que 10% disseram que às vezes ela tem importância na aquisição dos conhecimentos. Mas, 63% certificaram que a língua portuguesa sempre tem importância em facilitar a aquisição dos conhecimentos.

Gráfico 15



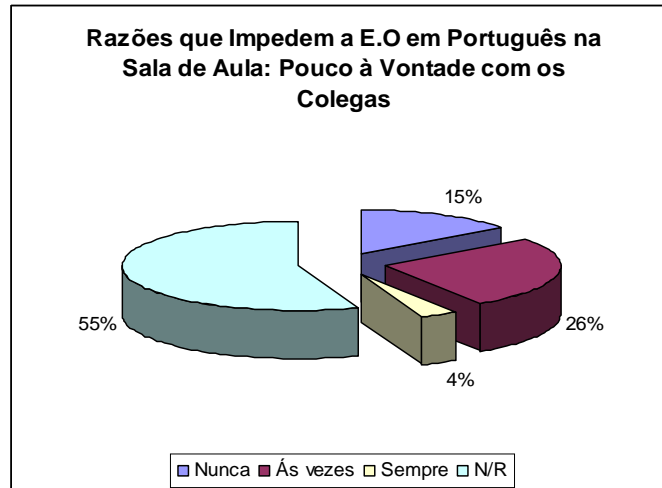
Os dados que passamos a apresentar (do gráfico 16 - 22) estão relacionados com as respostas obtidas no gráfico 5 onde se solicitava aos inquiridos que apontassem com que frequência expressam nas aulas de língua portuguesa e que justificassem o porquê, ou seja, esses dados referem-se aos alunos que não expressam com frequência na aula de língua portuguesa na sala de aula. Sendo assim, 33% afirmaram que o pouco à vontade com o professor nunca é uma das razões que os impedem de se expressarem em português na sala de aula. 15% dos inquiridos disseram que às vezes o pouco à vontade com o professor é uma das razões que os impedem de se expressar na sala de aula. Constatámos ainda que nenhum aluno afirmou que o pouco à vontade com o professor é sempre uma das razões que os impedem de se expressarem na sala de aula. Ainda temos os que não responderam, conforme nos mostra o gráfico 16, representando um total de 52%.

Gráfico 16



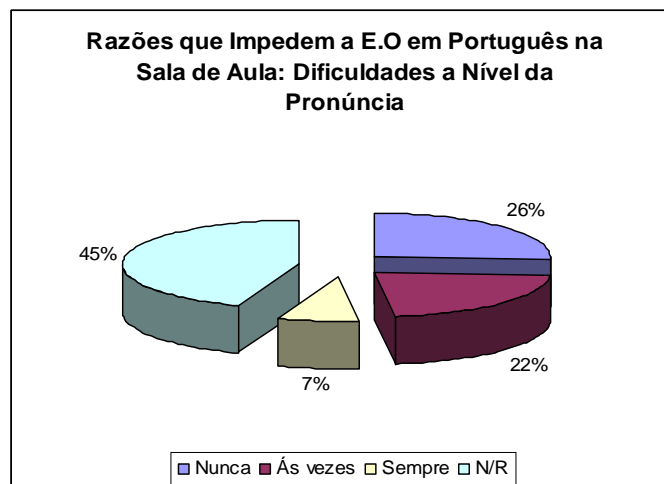
No gráfico 17 podemos verificar que 15% afirmaram que nunca o pouco à vontade com os colegas é uma das razões que os impedem de se expressarem na sala de aula, ao passo que 26% afirmaram que às vezes isso é uma das razões. 4% dos inquiridos afirmaram que o pouco à vontade com os colegas sempre foi uma das razões que os impedem de se expressarem na sala de aula. Porém, conforme podemos observar no gráfico, 55% dos alunos não responderam à questão.

Gráfico 17



No gráfico 18 é possível constatar que 26% afirmaram que as dificuldades a nível da pronúncia nunca constituem uma das razões que os impedem de se expressarem em português na sala de aula. Porém, 22% confirmou que às vezes isto pode ser uma das razões. 7% dos alunos disseram que as dificuldades a nível da pronúncia são sempre uma das razões que os impedem de se expressarem em português na sala de aula. 45% dos alunos não responderam.

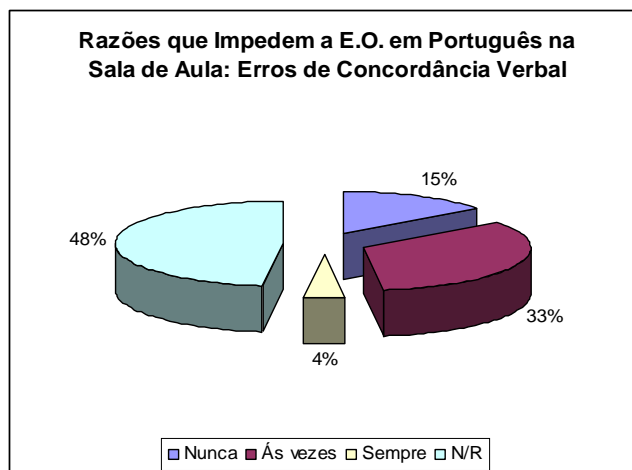
Gráfico 18



Os dados que constam no gráfico 19 estão ainda relacionados com as razões que impedem os alunos de se expressarem em português na sala de aula. Sendo assim, podemos verificar que 15% dos inquiridos afirmaram que os erros de concordância verbal nunca constituíram uma das razões que os impedem de se expressarem em português na sala de

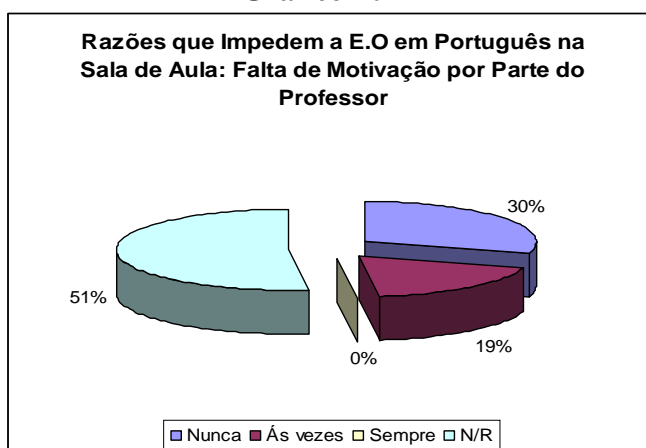
aula. Entretanto 33% disseram que às vezes os erros de concordância verbal podem ser uma das razões, ao passo que 4% afirmaram que os erros de concordância verbal sempre constituem uma das razões que os impedem de se expressar na sala de aula. Contudo, 48% não deram respostas a esta questão.

Gráfico 19



Segundo os dados do gráfico 20, podemos verificar que 30% dos alunos disseram que a falta de motivação do professor nunca é uma das razões que os impedem de se expressarem em português na sala de aula, ao passo que 19% atestaram que às vezes a falta de motivação por parte do professor pode ser uma das razões. 51% dos inquiridos não responderam à questão.

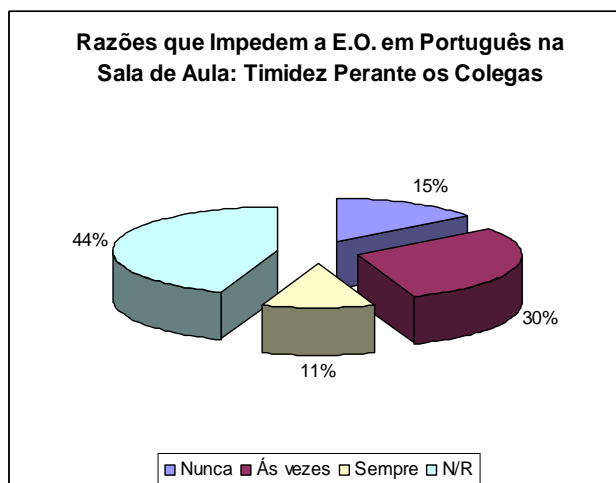
Gráfico 20



Os dados que constam no gráfico 21 dão-nos a conhecer que 15% afirmaram que a timidez perante os colegas nunca constitui uma das razões que os impedem de se

expressarem na sala de aula, ao passo que 30% certificaram que às vezes a timidez pode ser uma das razões. Todavia, 11% atestaram que a timidez perante os colegas é sempre uma das razões que os impedem de se expressarem na sala de aula. 44% dos inquiridos não deram resposta a esta questão.

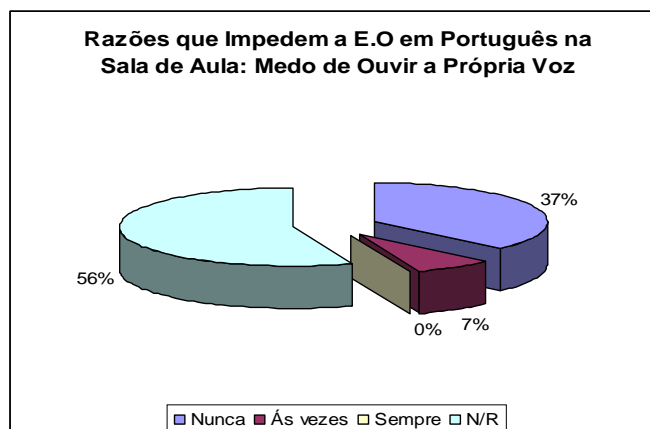
Gráfico 21



O gráfico 22 informa-nos que 37% dos inquiridos afirmaram que o medo da própria voz nunca constitui uma das razões que os impedem de se expressarem em português na sala de aula. Porém, 7% disseram que ele às vezes é uma das razões pelo qual não se expressam em português na sala de aula, ao passo que nenhum aluno respondeu que esse é sempre uma das razões pelo qual não se expressam na sala de aula. 56% dos inquiridos não responderam a esta questão.

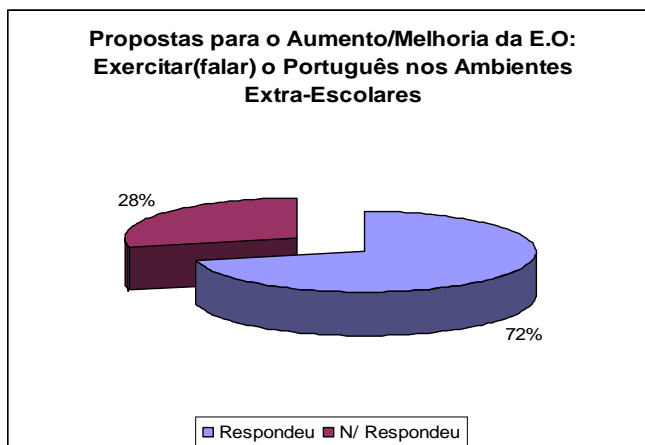
Um dos alunos mencionou ainda que uma das razões que o leva a não se expressar em português na sala de aula é porque teme ser gozado pelos colegas e também o medo de falar algo errado em português.

Gráfico 22



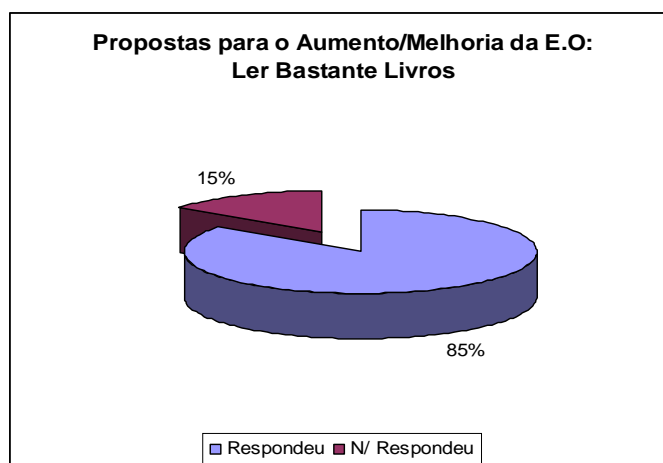
Como podemos ver no gráfico 23, 72% dos alunos apontaram como uma das propostas do aumento/melhoria da expressão oral exercitar (falar) o português, ao passo que 28% não responderam à questão.

Gráfico 23



Podemos verificar no gráfico 24 que 85% dos alunos responderam que ler bastante pode ser uma das propostas para o aumento/ melhoria da expressão oral. Ao passo que apenas 15% não apontaram a leitura como proposta para o aumento/melhoria da expressão oral.

Gráfico 24

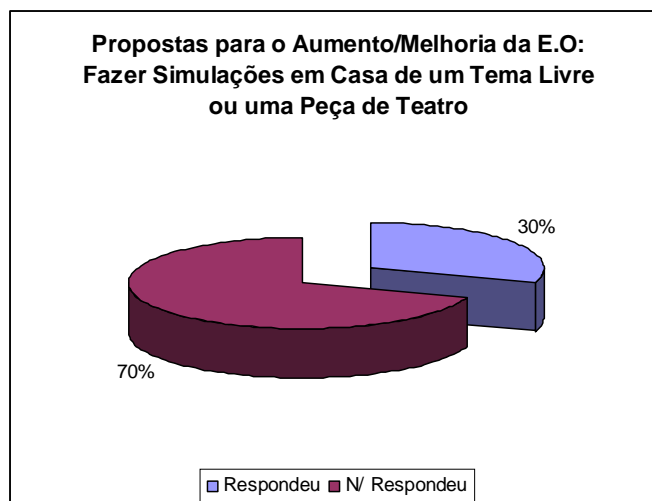


Conforme podemos observar no gráfico 25, podemos chegar à conclusão que os alunos não têm preferência pelas simulações feitas em casa, uma vez que 70% dos alunos não as apontaram como uma das propostas para o aumento/ melhoria da expressão oral.

Porém, 30% apontaram as simulações como propostas para o aumento/melhoria da expressão oral.

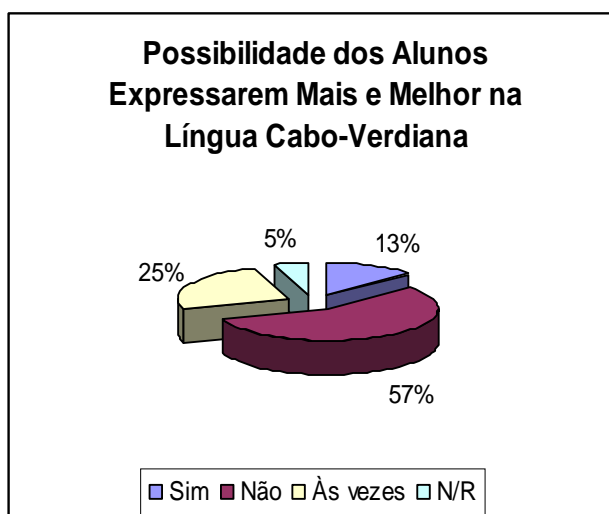
Entretanto, um aluno apontou como proposta falar português nas instituições como Banco e Finanças.

Gráfico 25



Segundo o gráfico 26, podemos constatar que 57% disseram que na aula de português não expressariam mais e melhor na língua cabo-verdiana, ao passo que 13% afirmaram que expressariam melhor. Entretanto, 25% afirmaram que na aula de português às vezes expressariam mais e melhor na língua cabo-verdiana. Contudo houve 5% dos alunos apenas não responderam a essa pergunta.

Gráfico 26



Os alunos que responderam "Sim" ou "Às vezes" apresentaram as justificações que lhes leva a afirmar que expressam mais e melhor na língua cabo-verdiana quando estão na aula de língua portuguesa:

- Preferem expressar na língua cabo-verdiana, porque quando estão a falar em português o nervosismo faz com que haja a interferência do crioulo. Segundo eles isso acontece devido à falta de atenção;
- Gostam da língua cabo-verdiana;
- Não falam bem o português;
- Na língua cabo-verdiana afirmaram que sentem mais seguros, apesar de alguns afirmarem que dominam bem o português;
- Devido ao hábito de falar muito o crioulo;
- Acreditam que aprendem mais rápido com a língua cabo-verdiana porque é a língua materna deles;
- Muitas palavras e pronúncias ficam mais fáceis na língua cabo-verdiana do que no português;
- Consideram que a língua cabo-verdiana é mais fácil;
- Segundo os alunos preferem usar a língua cabo-verdiana na aula de português porque uma vez que é a língua materna conseguem expressar-se de uma forma mais profunda aquilo que sentem. Afirmam ainda que é a língua do quotidiano;
- Existem palavras em crioulo que em português não conseguem expressar;
- Facilita a comunicação entre os professores e colegas;

Breves considerações sobre a análise dos gráficos dos alunos

Como se constatou, na maior parte das questões realizadas houve um número considerável de inquiridos que não responderam às questões, o que de certa forma acabou por influenciar o nosso estudo, na medida em que ficámos sem os dados necessários para uma consolidação mais significativa das nossas conclusões. Teria sido, para nós, importante compreender porque é que os alunos não responderam a estas questões, mas como infelizmente não conseguimos obter essa informação, esperamos com os dados obtidos, puder contribuir, ainda que humildemente, para a compreensão da problemática da expressão oral em Cabo Verde.

Porém, existem vários gráficos (6-22) onde é possível constatar que houve alunos que não deram as suas respostas. Isso aconteceu principalmente nas perguntas onde havia necessidade de preencherem as lacunas com "Nunca", "Às vezes" e "Sempre". Para darmos a conhecer esse facto criamos nos dados dos gráficos o indicador N/R, onde dará conta das percentagens dos alunos que não deram as suas respostas.

De uma forma geral, constatamos que os alunos do 3º ciclo da Escola Secundária Abílio Duarte, dentro das suas possibilidades, fazem uso da língua portuguesa, melhor eles expressam-se oralmente na aula de português, como foi comprovado por cerca de metade dos inquiridos (55%).

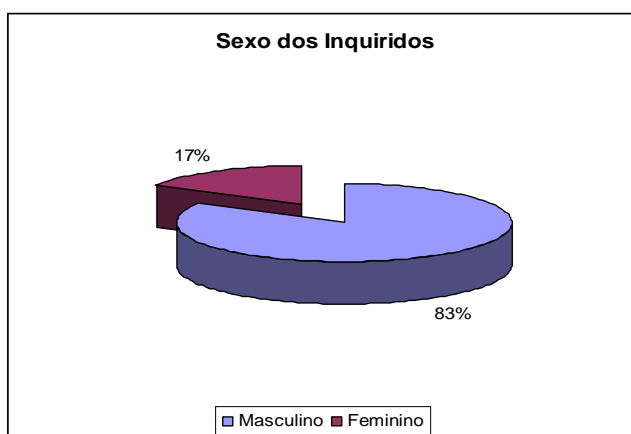
Achamos extremamente positivo o facto de uma percentagem considerável (98%) de alunos gostarem da língua portuguesa e segundo os mesmos, uma das maiores propostas para melhorar a expressão oral é ler bastante. Segundo os alunos da E.S.A.D, o professor de língua portuguesa tem fomentado a expressão oral e as outras aulas constituem o único espaço onde eles mais se expressam em português. Significa que em outros lugares como em casa, na rua, nos locais de recreação a expressão oral não está muito presente.

No que se refere às razões que os impedem de se expressarem na sala de aula (pouco à vontade com o/a professor/a; pouco à vontade com os colegas; dificuldades a nível da pronúncia; erros de concordância verbal; falta de motivação por parte do professor; timidez perante os colegas; medo de ouvir a própria voz) há um equilíbrio, ou seja não existe uma das razões que se tenha destacado mais que outras, pelo facto de que em todas elas os alunos mencionaram que às vezes elas podem impedir a expressão oral em português na sala de aula.

3.4. Análise dos questionários dos Professores de Língua Portuguesa

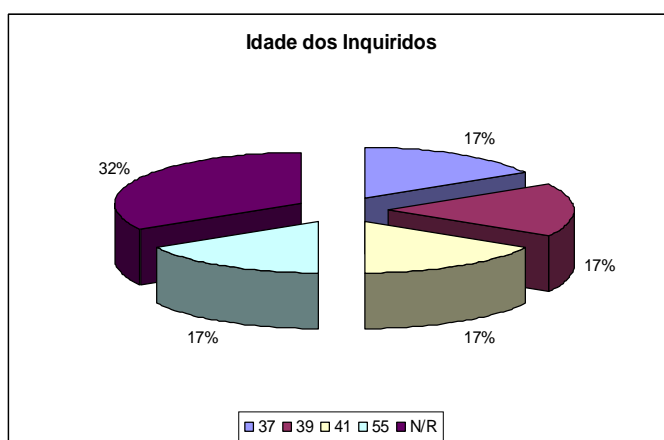
Dos professores inquiridos, segundo podemos constatar no gráfico 27, apenas 17% eram do sexo feminino e os outros eram do sexo masculino, equivalendo a um total de 83%.

Gráfico 27



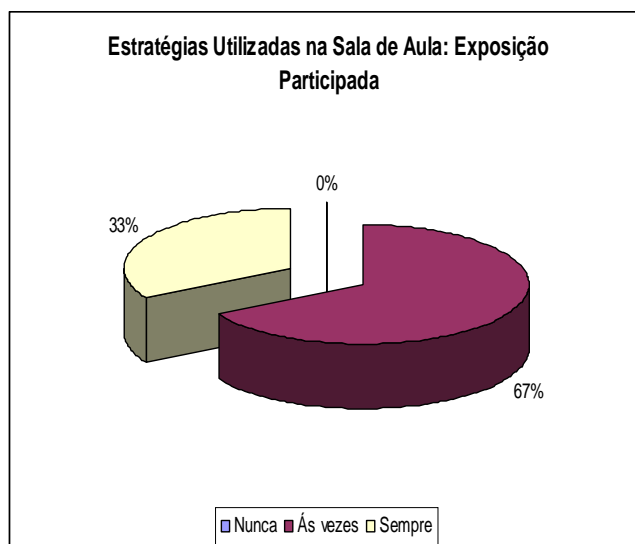
Segundo o gráfico 28, 17% dos professores inquiridos, tinham 37 anos, a mesma percentagem tinha 39, 41 e 55 anos, respectivamente. No entanto, 32% dos professores não apresentaram as suas idades.

Gráfico 28



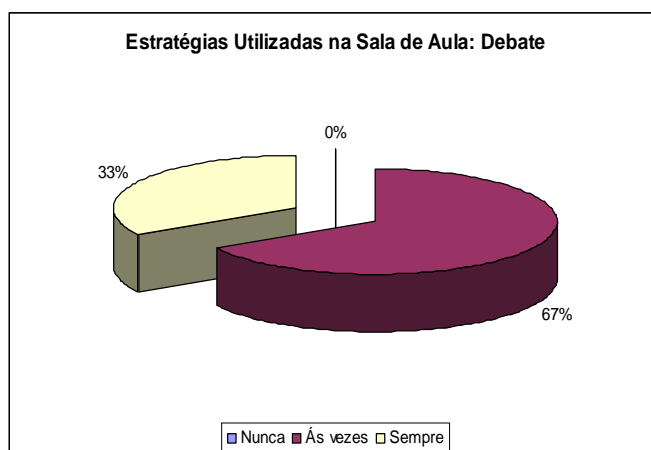
Segundo o gráfico 29, podemos constatar que nenhum professor apontou que nunca utilizou a exposição participada como uma das estratégias que desenvolvem a expressão oral. Entretanto, 67% dos professores afirmaram que às vezes a exposição participada é uma das estratégias mais utilizadas para o desenvolvimento da expressão oral. Contudo, 33% disseram que sempre utilizam a exposição participada no desenvolvimento da expressão oral na sala de aula.

Gráfico 29



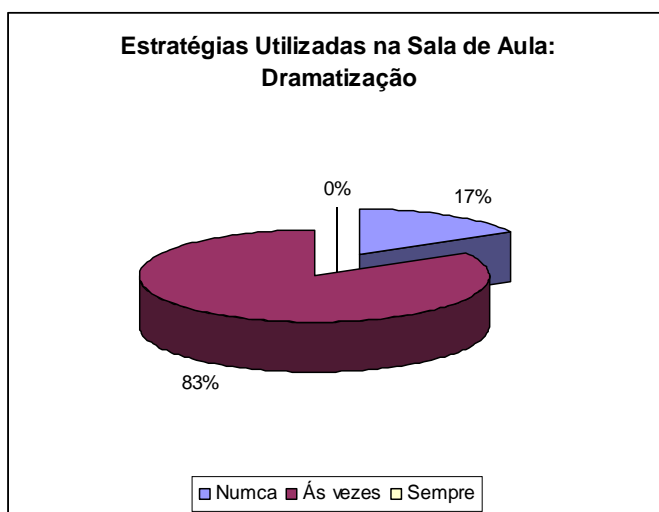
De acordo com o gráfico 30, é possível constatar que nenhum professor apontou que nunca utilizou o debate como uma das estratégias que desenvolvem a expressão oral na sala de aula. Entretanto, 67% dos professores afirmaram que às vezes o debate é uma das estratégias mais utilizadas para o desenvolvimento da expressão oral. Contudo, 33% dos professores disseram que utilizam sempre o debate no desenvolvimento da expressão oral na sala de aula.

Gráfico 30



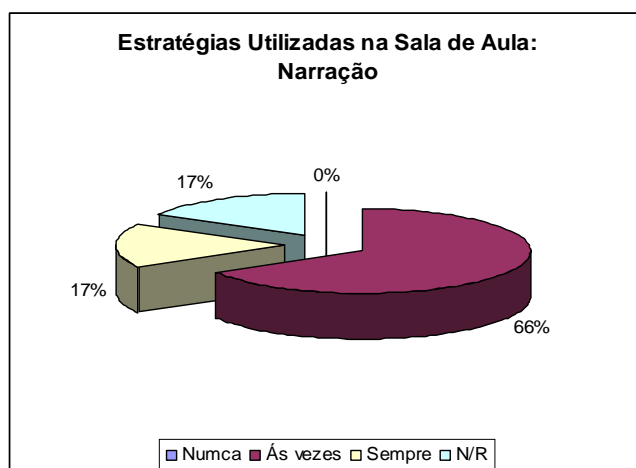
De acordo com o gráfico 31, podemos constatar que 17% dos professores afirmaram que nunca utilizaram a dramatização como estratégia de desenvolvimento da expressão oral na sala de aula, ao passo que 83% declararam que às vezes utilizam-na como estratégia para desenvolver a expressão oral. A dramatização como estratégia para o desenvolvimento da expressão oral não é uma estratégia que seja sempre utilizada pelos professores inquiridos.

Gráfico 31



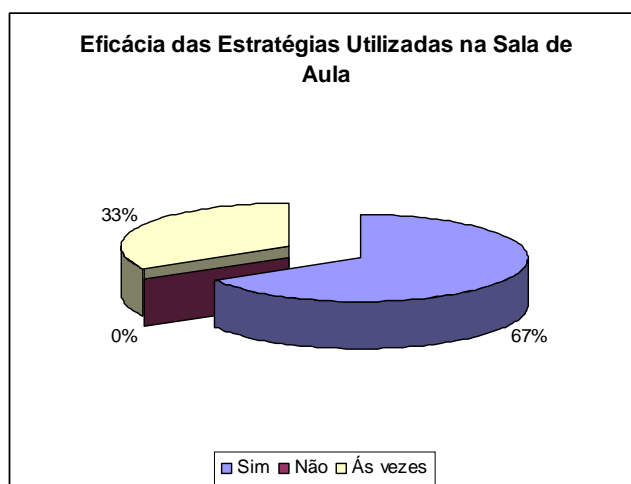
No que diz respeito à narração, segundo o gráfico 32 podemos constatar que nenhum professor apontou que nunca utilizou a narração como estratégia para desenvolver a expressão oral na sala de aula, mas 66% mencionaram que às vezes utilizam a dramatização para desenvolver a expressão oral. Contudo, 17% afirmaram que sempre utilizam a dramatização, ao passo que a mesma percentagem não respondeu a esta questão.

Gráfico 32



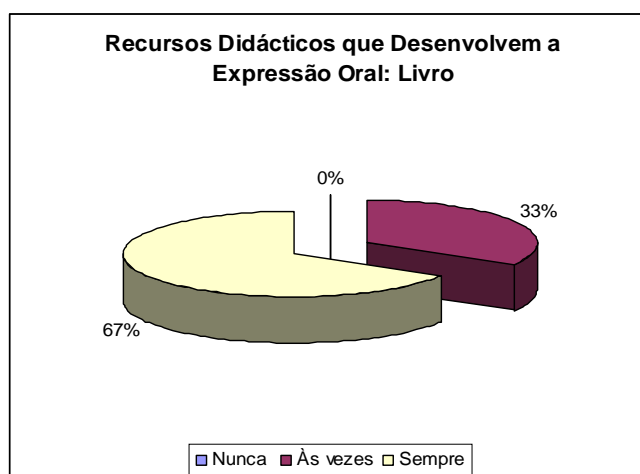
Segundo o gráfico 33, podemos observar que 67% dos professores apontaram que as estratégias utilizadas na sala de aula (debate, exposição participada, dramatização e narração) tem tido eficácia. Todavia, nenhum professor afirmou que as tais estratégias não têm eficácia. Porém, 33% declararam que às vezes elas têm eficácia.

Gráfico 33



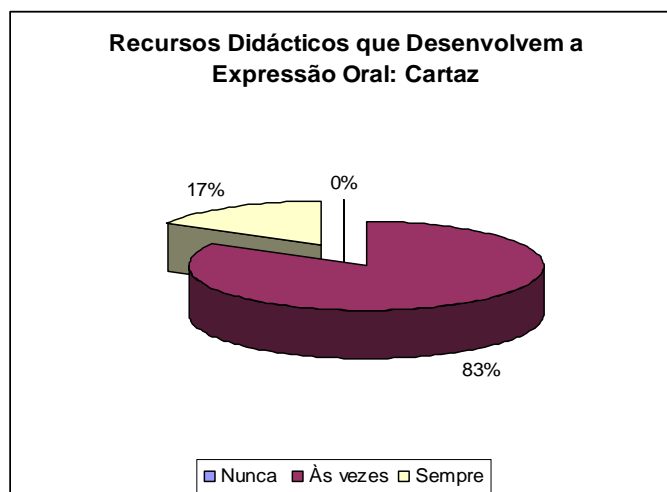
De acordo com o gráfico 34, podemos constatar que 33% dos professores afirmaram que às vezes utilizam o livro como um dos recursos didácticos que desenvolvem a expressão oral, ao passo que 67% afirmaram que sempre utilizam o livro com esse objectivo.

Gráfico 34



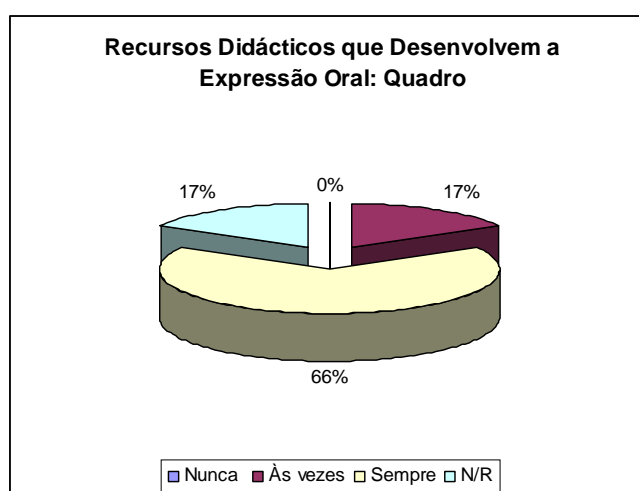
No gráfico 35, podemos comprovar que 83% mencionaram que às vezes utilizam o cartaz como recurso para desenvolver a expressão oral, enquanto 17% afirmaram que o cartaz sempre é um dos recursos que desenvolve a expressão oral.

Gráfico 35



De acordo com o gráfico 36, podemos comprovar que 17% dos inquiridos afirmaram que às vezes o quadro é um dos recursos que poderá desenvolver a expressão oral, ao passo que 66% mencionaram que ele sempre desenvolve a expressão oral. 17% dos inquiridos não responderam a esta questão.

Gráfico 36



No gráfico 37, podemos comprovar que 50% dos professores afirmaram que nunca utilizaram o vídeo como recurso para desenvolver a expressão oral, ao passo que a mesma

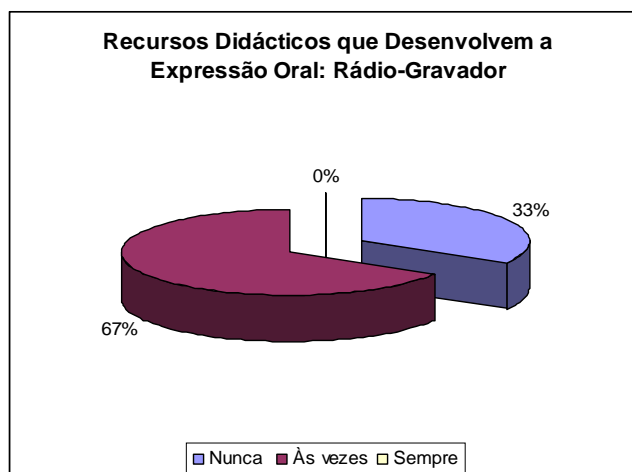
percentagem declarou que às vezes o vídeo é um dos recursos que desenvolve a expressão oral.

Gráfico 37



É possível constatar no gráfico 38 que 33% dos professores mencionaram que nunca utilizaram o rádio-gravador como recurso didáctico que desenvolve a expressão oral, ao passo que 67% afirmaram que às vezes utilizam-no como recurso didáctico para desenvolver a expressão oral.

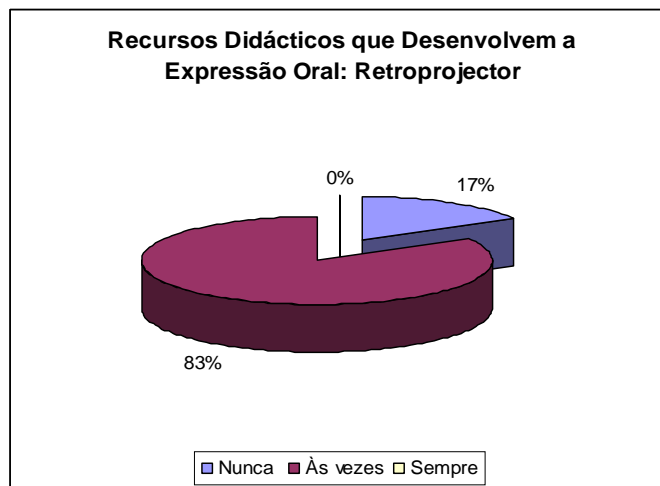
Gráfico 38



De acordo com o gráfico 39 podemos constatar que 17% dos professores afirmaram que nunca utilizaram o retroprojector como recurso didáctico para desenvolver a expressão

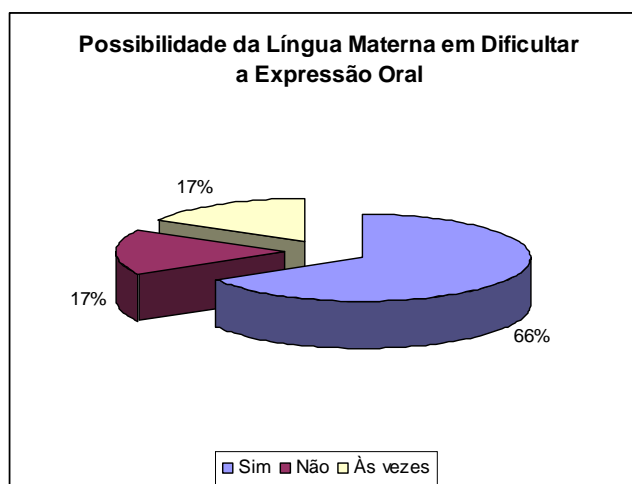
oral, ao passo que 83% declararam que às vezes utilizam o referido recurso. Um dos professores mencionou ainda que utiliza outros recursos didáticos como o data-show e a tarefa de antevisão.

Gráfico 39



No gráfico 40, podemos constatar que 66% dos professores afirmaram que a língua materna poderá dificultar a expressão oral na sala de aula, ao passo que 17% não partilham a mesma opinião. A mesma percentagem de inquiridos (17%) consideraram que às vezes ela poderá dificultar a expressão oral na sala de aula.

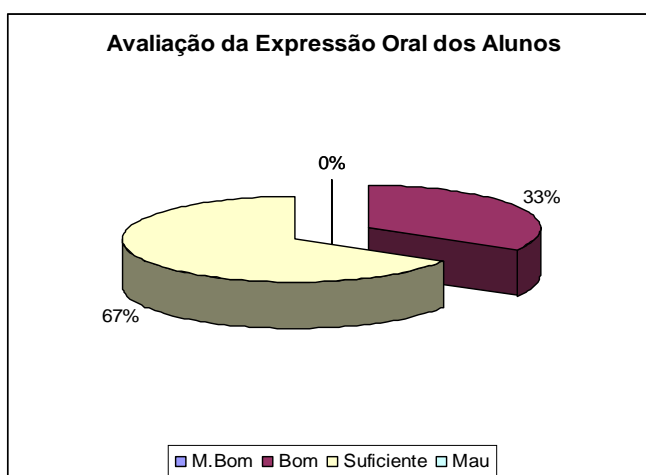
Gráfico 40



Segundo o gráfico 41, a expressão oral dos alunos está entre o "Bom" e o "Suficiente". Sendo assim, podemos constatar que nenhum professor considera que a expressão oral dos

alunos é "Muito Bom", ao passo que 33% dos professores atribuíram "Bom" a expressão oral dos alunos. Todavia, 67% consideram "Suficiente" a expressão oral dos seus alunos. No entanto, nenhum professor atribuiu a nota "Mau" à expressão oral dos alunos, o que na nossa perspectiva, não deixa de ser um factor relativamente positivo.

Gráfico 41



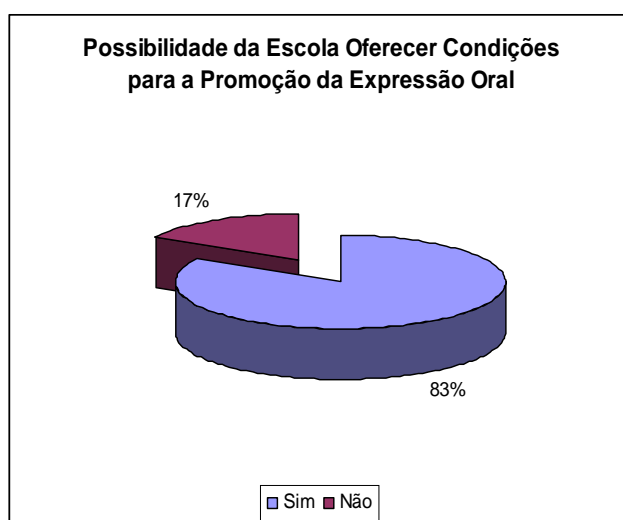
Conforme apresentamos no gráfico 42, 67% afirmaram que o sucesso escolar dos alunos poderá estar relacionado com a expressão oral, ao passo 33% afirmaram que às vezes o sucesso escolar dos alunos poderá estar relacionado com a expressão oral.

Gráfico 42



O gráfico 43 permite-nos ver que 83% dos professores afirmaram que a escola oferece condições para a promoção da expressão oral, ao passo que 17% considera que a escola não oferece condições para tal.

Gráfico 43



No que diz respeito às condições que a escola oferece para a promoção da expressão oral, de acordo com o gráfico 44, podemos constatar que 100% dos professores afirmaram que uma das condições que a escola oferece para a promoção da expressão oral é a formação dos professores na área de língua portuguesa.

Gráfico 44



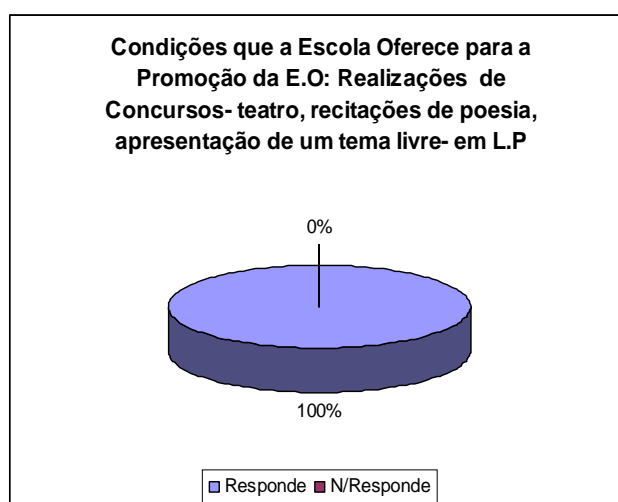
De acordo com o gráfico 45 podemos constatar que 80% dos professores afirmaram que a escola oferece materiais didáticos na promoção da expressão oral, ao passo que apenas 20% não apontaram esta condição na promoção da expressão oral.

Gráfico 45



Como podemos depreender através da análise do gráfico 46, 100% dos professores afirmaram que a realização de concursos é uma das condições que a escola oferece para a promoção da expressão oral.

Gráfico 46

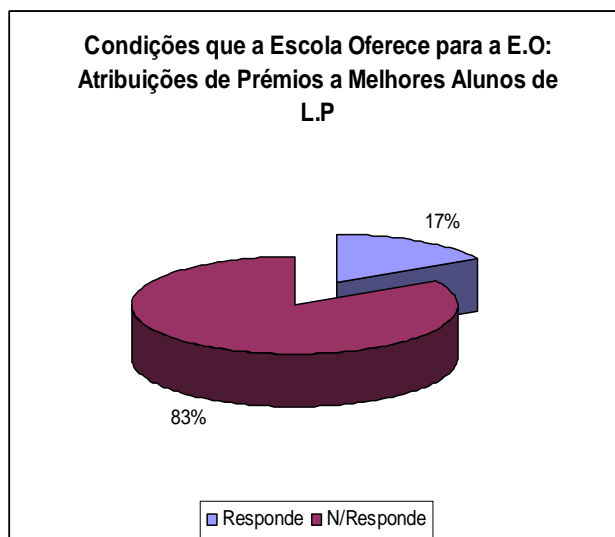


De acordo com o gráfico 47 podemos constatar que 17% dos professores afirmaram que umas das condições que a escola oferece são as atribuições de prémios a melhores

alunos de língua portuguesa. Contudo, 83% dos inquiridos não mencionaram esta condição oferecida pela escola.

Além das condições apontadas, houve um professor que mencionou que o quadro de honra é uma das condições oferecidas pela escola que contribui para a promoção da expressão oral

Gráfico 47



Sobre a eficácia das estratégias utilizadas na sala para o desenvolvimento de expressão oral, alguns professores responderam que "Não" e "Às vezes" no que toca à eficácia das estratégias. Neste sentido eles apresentaram como justificações às suas respostas:

- Muitas vezes determinados alunos não apresentam requisitos ou perfil para acompanharem essas estratégias;
- Nem sempre temos disponibilidade de tempo e espaço para o fazer sempre. Bem que gostaríamos, porém nem sempre é possível. Só serão eficazes se tiverem continuidade.

Ainda, os professores que responderam "Sim" ou "Às vezes" sobre a dificuldade que a língua materna poderá apresentar na expressão oral, deram as seguintes justificações:

- Dificulta sobremaneira os alunos que no dia a dia expressam em crioulo e tem pouco uso da língua portuguesa. E assim tem pouco poder comunicativo, e quando querem

dizer algo em português ou são obrigados a recorrer à língua portuguesa nota-se muitas interferências do crioulo.

- Há tendência de os alunos falarem somente o crioulo. Se o crioulo institucionalizar, eu considero ser um estímulo negativo para a aprendizagem do português.
- Às vezes, na medida em que o crioulo está sempre presente mesmo quando no contexto sala de aula a situação exigir que falem o português. Não fosse essa insistência no crioulo, que condiciona muito a prática da língua oficial, a língua materna não dificultaria a expressão oral na sala de aula, muito pelo contrário, a meu ver a interação entre as duas línguas deveria ser um factor de enriquecimento mútuo.
- Porque os alunos não conseguem expressar/pronunciar correctamente as palavras, em termos de sotaque (dicção), sobretudo as palavras tomadas por empréstimos à língua oficial. Há constante cruzamento do português e do crioulo. E muitos até preferem não falar para não utilizar a língua portuguesa.

No que diz respeito à avaliação da expressão oral dos alunos, alguns professores responderam que a avaliam "Suficiente", daí que como as outras questões houve necessidade de apresentarem justificações sobre a origem das dificuldades que os alunos apresentam no que toca à expressão oral dos mesmos:

- A interferência do crioulo. A falta de incentivo no sentido de utilização da língua portuguesa. A fraca colaboração de professores de outras disciplinas que teimam em utilizar o crioulo.
- A carência de alguns recursos pedagógicos (bibliográficos e técnicos) e o desinteresse dos alunos são factores a ter em conta.
- A falta de oportunidade de se expressarem oralmente está na origem. Precisam de mais oportunidades.

Os professores inquiridos apresentaram algumas razões para a importância da expressão oral em Cabo Verde:

- A expressão é importante porque ela pode ser a base para a expressão escrita, desenvolvendo com rigor a expressão oral facilita a expressão escrita, por último

normalmente os alunos que se expressam oralmente de forma constante ou frequente têm poucas dificuldades nas outras fases ou formas de expressão.

- Facilita o diálogo entre os interlocutores, promove a interação entre as pessoas.
- Facilita a comunicação bilateral, agiliza (torna mais rápido, eficiente e eficaz) a comunicação.
- A expressão oral é importante porque nos ajuda a desenvolver a competência comunicativa em situações da vida quotidiana em que se nos exige falar o português. Outra razão decorre do facto da expressão oral ajudar a atenuar a situação do pseudobilinguismo existente em Cabo Verde. Uma terceira razão é que a expressão oral ajuda a desenvolver as outras competências linguísticas, essenciais para a aquisição de saberes e conhecimentos.
- Compreensão dos assuntos inerentes à língua, ajuda na interdisciplinaridade.

Ainda relacionado com os questionários dos professores levantámos uma questão sobre as condições que Cabo Verde oferece para o aluno desenvolver a expressão oral. Houve apenas um professor que afirmou que o país não oferece condições para o aluno desenvolver tal competência e apresentou as suas justificações:

- Para além de escassez de recursos pedagógicos, há muita tolerância em se permitir que os alunos falem crioulo nas aulas, sobretudo nos níveis de aprendizagem mais baixos, sem levar em conta outros factores, entre os quais a deficiente formação de professores, bem como factores culturais que inibem a prática do português.

Porém, dos professores que responderam que Cabo Verde oferece condições para desenvolver a expressão oral, apresentaram os seguintes motivos:

- Cabo Verde oferece algumas condições: criação de bibliotecas, espaços linguísticos. Tendo em conta o contexto linguístico cabo-verdiano, devemos ter sempre em atenção que torna-se um pouco difícil exprimir sempre em português tendo em conta o estatuto de língua portuguesa. Porém, independentemente das condições que um país oferece para tal "o falante" deve criar a sua própria condição para desenvolver a expressão oral.
- Oferece condições nas escolas, centros, instituições linguísticas e nas bibliotecas (Arquivo Histórico e Biblioteca Nacional).

- Como qualquer país do mundo as condições para o desenvolvimento da expressão oral existem, embora precisem ser melhorados através de estratégias adequadas que depende de cada docente. Uma dessas condições é a formação do pessoal docente e a criação de mais infraestruturas.
- O país oferece condições, na medida em que o governo tem apostado na melhoria da qualidade do ensino investindo somas avultadas do seu orçamento apostando no desenvolvimento. Pois só assim o país poderá conhecer o desenvolvimento almejado.

Sugestões apresentadas pelos professores para a melhoria da expressão oral na aula de língua portuguesa:

- Oficializar da língua cabo-verdiana;
- Ensino da língua portuguesa como língua segunda;
- Valorizar toda e qualquer expressão oral dos alunos
- Disponibilizar maior número de aulas ou situações de oralidade;
- Direcionar a aula para temas do conhecimento dos alunos com certeza que estarão disponíveis para se expressarem oralmente;
- Aplicar estratégias tais como: recontos de histórias, adivinhas, dramatizações, leituras e declamações;
- Criar situações de diálogo na sala de aula-professor /aluno, aluno/aluno;
- Promover debate-tema diversos pondo os alunos a utilizarem os conectores do discurso e actos de fala;
- Fazer o uso da língua portuguesa, ou seja, recorrer sempre à língua portuguesa para exprimir vontade, desejo, admiração por parte dos alunos mesmo quando sentem dificuldades;
- Reforma curricular;
- Apetrechamento das escolas (recursos tecnológicos, bibliográficos, oficinas de língua etc.);
- Maior criatividade dos professores na escolha de metodologias e estratégias de ensino.

Breves considerações sobre a análise dos gráficos dos professores

No que respeita aos gráficos analisados, em primeiro lugar pretendemos fazer uma breve observação no que se refere aos gráficos, onde podemos constatar que existem dados indicando que os professores não responderam. Sendo assim, nesses gráficos (44-47) consta a opção N/Respondeu porque a pergunta era opcional, conforme se poderá constatar no anexo II.

Relativamente às estratégias utilizadas na sala de aula para desenvolver a expressão oral dos alunos, não existe uma que se tenha destacado. No entanto, os professores apontaram que às vezes utilizam o debate, a exposição participada, a narração e a dramatização como estratégias para desenvolver a expressão oral. Segundo os professores tais estratégias às vezes dão resultados, mas às vezes não resultam, isto porque entendem que os alunos não apresentam o perfil para acompanhar as tais estratégias. Entendemos aqui que os professores queriam dizer que os alunos, terão, na maior parte das vezes, falta de pré-requisitos para se trabalhar bem com estas estratégias, dado que durante todo o seu percurso escolar, têm experienciado sempre mais ou menos o mesmo tipo de metodologia: a expositiva.

No que respeita aos recursos didáticos utilizados na sala de aula para desenvolver a expressão oral, os professores utilizam mais o livro e o quadro, ao passo que as outras (vídeo, retroprojector e rádio-gravador) não são utilizadas com frequência.

Infelizmente, a avaliação que os professores atribuíram à expressão oral dos alunos é "Suficiente" mesmo na Escola Secundária Abílio Duarte. Alguns professores mencionaram que a língua materna pode dificultar a expressão oral dos alunos porque o crioulo é a língua que mais utilizam no dia-a-dia para se expressarem e ela está presente mesmo no contexto sala de aula onde é exigido que se fale o português.

Segundo os mesmos e de acordo com os dados obtidos a escola oferece condições para a promoção da expressão oral e o país também tem actuado no mesmo sentido. Uma das condições apontadas pelos professores tem a ver com a formação dos docentes na área de língua portuguesa e nós consideramos como um dos principais factores que proporcionam aos alunos desenvolver uma expressão oral autêntica na sala de aula.

3.5. Considerações finais

Em relação ao objectivo relacionado com a relação que os alunos estabelecem com a língua portuguesa quer dentro da sala quer fora da mesma, constatamos que ela efectivamente é concretizada, dado que os alunos utilizam a língua portuguesa mesmo nas situações informais (embora com pouca frequência) como, por exemplo, em casa, no autocarro, na rua, nos estabelecimentos públicos, entre outros locais. Apesar de este aspecto ser, por nós considerado positivo, ainda há aspectos a melhorar visto que os alunos apresentam deficiência no domínio da língua portuguesa fazendo com que a expressão oral seja pouco desenvolvida dentro da sala de aula. Tais dificuldades residem a nível dos erros da concordância verbal, timidez perante os colegas, pouco à vontade com o professor, conforme os mesmos afirmaram no questionário, sem deixarmos de referir a falta de formação do professor e outras causas que foram anteriormente apontadas.

Sabemos que mesmo na sala de aula, onde se exige falar o português, a língua materna dos alunos continua presente. É neste sentido que acabamos por obter a resposta ao objectivo definido por nós que consiste em saber se os alunos exprimem-se mais e melhor na língua cabo-verdiana. Os dados obtidos permitiram-nos compreender que alguns alunos às vezes expressam-se mais e melhor na língua cabo-verdiana, apesar os dados mostrarem um número considerável de alunos (55%) que afirmaram que na aula de língua portuguesa não se exprimem mais e melhor na língua cabo-verdiana.

Devido à carência da expressão oral na sala de aula, traçamos por objectivo conhecer as estratégias que os professores estão a utilizar para desenvolver tal competência e ao mesmo tempo saber se tais estratégias têm tido eficácia. Comprovamos que apesar dos professores utilizarem algumas estratégias que desenvolvem a expressão oral (narração, dramatização, debate, exposição participada), infelizmente nem sempre dão grandes resultados provocando a ausência da expressão oral na sala de aula. No entanto, como à partida já esperávamos que isso acontecesse, um dos principais objectivos do nosso trabalho, sem ignorar os outros, foi precisamente dar a conhecer as possíveis estratégias ou actividades que desenvolvem a expressão oral na sala de aula. Todas as estratégias que desenvolvem a capacidade da expressão oral na sala de aula são bem vindas e o professor

pode experimentá-las todas até conseguir aquela ou aquelas que mais eficácia poderão trazer para desenvolver a expressão oral dos alunos.

Considerámos, no entanto que nas escolas secundárias de Cabo Verde e eventualmente também no mundo, o professor tem que ser extremamente dedicado, estar constantemente atento e sensível a todas as mensagens que lhe são passadas, mesmo que implicitamente, pelos seus alunos. Terá de ser muito criativo, aplicando as estratégias que desenvolvam a expressão oral e incentivando simultaneamente aqueles alunos que não demonstram interesse em aprender a ter domínio comunicativo na língua portuguesa.

Pensámos ainda que quando a língua de escolarização não é a língua materna, a aprendizagem da língua de ensino poderá apresentar mais dificuldades. Por isso, considerámos importante que o professor recorra a várias estratégias para o desenvolvimento da expressão oral dos alunos, na medida em que se uma não se adequar ao estilo de aprendizagem de um aluno, outra poderá ajustar-se, contribuindo assim para que, paulatinamente, o professor vá percebendo quais as melhores metodologias de trabalho para cada um dos conteúdos, para cada uma das turmas e para cada um dos alunos.

No que respeita às hipóteses formuladas por nós, conseguimos constatar através dos dados obtidos que ao fim ao cabo a ausência da expressão oral está associada às dificuldades que existem a nível do domínio da língua portuguesa não só por parte dos professores que não tem formação da área de língua portuguesa, mas também por parte de alguns alunos que apresentam um fraco domínio da língua portuguesa.

Relativamente à segunda hipótese (Na aula de português os alunos exprimem-se mais e melhor na língua cabo-verdiana?) conseguimos obter dados que comprovam que alguns alunos exprimem-se mais e melhor na língua cabo-verdiana na aula de português, porém, uma boa percentagem diz não se expressar mais e melhor na língua cabo-verdiana conforme já referimos nas páginas anteriores.

Por último, no que respeita à terceira hipótese, (Que razões ou motivos estão na base da ausência da expressão oral?), com base nos dados obtidos nos questionários dos alunos comprovámos que as razões ou os motivos que estão na base da ausência da expressão oral na sala de aula têm a ver com os erros de concordância verbal que os alunos apresentam a nível das produções orais, ou o pouco à vontade com o professor e os colegas, de entre outras razões que já foram apontadas por nós.

4. Recomendações

Os alunos no ensino secundário (3º ciclo) já estão num nível bem avançado, prestes a ingressar no ensino superior. Nesta etapa é de se esperar que eles já estejam suficientemente capazes de utilizar a língua portuguesa com fluência e coerência fazendo exposições orais na sala de aula e envolvendo-se em outras actividades que norteiam o desenvolvimento da expressão oral e outras competências relacionadas com a disciplina de língua portuguesa.

Porque pensámos que a rotina da maior parte dos professores é chegar à sala e expor os conteúdos da aula, pretendemos deixar uma das nossas recomendações para superar este aspecto, que para nós é considerado uma limitação. A fim de que este procedimento não aconteça de forma sistemática sugerimos que o professor faça uma troca de papéis. Ele poderia solicitar, com antecedência, que o aluno faça uma exposição de um conteúdo, por apenas 30 minutos, como se ele estivesse a simular uma aula, desempenhando o papel do professor¹⁵. Esperemos não ser tão ambiciosos, mas isto pode ser uma boa iniciativa para fazer com que os alunos se expressem, já que muitas vezes alguns não tomam a iniciativa para se expressarem na sala de aula. Além disso, pensamos que eles sentirão-se mais autônomos e prestativos, fazendo as suas pesquisas, procurando novos conhecimentos sem ter que esperar para o professor lhes fornecer tudo.

Como sabemos, um dos princípios da aula de língua portuguesa tem a ver também com o desenvolvimento da capacidade da leitura e o gosto pela mesma, e não é por acaso

¹⁵ No final da sua exposição o professor poderá clarificar alguns aspectos que não ficaram esclarecidos caso houver necessidade. Entretanto, sugerimos que ele faça uma síntese daquilo que o aluno apresentou para que o conteúdo transmitido fique compreendido e também para que não permaneça dúvidas por parte dos alunos.

que ela está presente em quase todas as actividades desenvolvidas na sala de aula. Ainda, não podemos deixar de referir que uma das maiores propostas apontadas pelos alunos no que toca à melhoria da expressão oral foi precisamente a leitura. Acreditamos que Cabo Verde tem investido na leitura, prova disso é que houve um aumento das livrarias na cidade, consequentemente possibilitando o maior acesso aos livros.

Consideramos muito pertinente a sugestão de Almada (1977) no que diz respeito ao ensino da língua portuguesa, porque segundo ela o ideal seria que as crianças cabo-verdianas aprendessem o português desde o jardim-de-infância. Neste sentido, as crianças teriam a oportunidade de fazer leituras de histórias fomentando desde cedo o gosto pela leitura e consequentemente pela expressão oral. Eventualmente poderão surgir alguns obstáculos, mas não há nada que se compare com os benefícios que isto poderá trazer aos alunos quando passarem para o E.B.I e de seguida para o ensino secundário.

Ainda, no âmbito do desenvolvimento da expressão oral é necessário que a própria escola tome as suas medidas¹⁶. Nos feriados que acontecem em Cabo Verde e alguns dias comemorativos, a escola pode aproveitar para realizar palestras onde os alunos serão os principais actores. Por exemplo, o dia 20 de Janeiro comemora-se o dia dos heróis nacionais. Há muita coisa que se pode falar sobre este dia. Os alunos podem escolher um herói da preferência deles e fazer uma exposição oral durante 30 minutos ou menos sobre a vida do herói que escolheram entre outros aspectos. Pode-se aproveitar a comemoração do dia de ambiente, dia de luta contra a sida, dia internacional da mulher para fazer peças teatrais ou mesmo exposições orais em língua portuguesa. Para que haja uma participação activa dos alunos nessas actividades talvez haja necessidade de atribuir prémios não às melhores apresentações, mas sim a todos os participantes.

Enfim, acreditamos que há muito que se pode fazer para desenvolver a capacidade da expressão oral em língua portuguesa, o segredo reside em dar mais atenção a esta competência e não descurar a sua importância.

¹⁶ "A escola tem como função dispor de equipamentos adequados ao exercício das actividades escolares; disponibilizar um corpo de professores e educadores qualificados para a função docente; garantir a disponibilidade de instrumentos e de materiais didácticos e educacionais que viabilizem e tornem eficaz o processo de ensino-aprendizagem" (Trindade, 1990:53).

5. Conclusão

Antes de apresentarmos as nossas conclusões queríamos mencionar que tivémos muito gosto em realizar esta investigação, ela permitiu-nos ter uma concepção relativamente diferente de algumas ideias que tínhamos em relação à expressão oral em Cabo Verde. No entanto, deparamo-nos com algumas dificuldades. Uma das que vamos mencionar tem a ver com a obtenção de dados por parte de alguns professores, dado que não mostraram muita disponibilidade em colaborar no preenchimento dos questionários, o que acabou por influenciar na nossa recolha de dados. Em virtude disso tivémos que recorrer a outras escolas secundárias, como por exemplo, a Escola Secundária do Tarrafal a fim de não ficar a mercê dos que não mostraram muita disponibilidade em colaborar connosco.

Uma vez que os questionários destinavam-se apenas aos professores do 3º ciclo, os professores da Escola Secundária Abílio Duarte deram uma contribuição considerável no que toca ao preenchimento dos mesmos.

No final da realização deste trabalho, constatamos que a competência da expressão oral pode ser desenvolvida na sala de aula. Podemos comprovar o que acabamos de referir com base nos dados que foram por nós apresentados, onde os professores afirmaram que as estratégias utilizadas na sala de aula às vezes contribuem para desenvolver a expressão oral dos alunos.

Concordamos com os professores que destacam a falta de formação do docente como uma causa da ausência da expressão oral na sala de aula, dado que apresentam um fraco domínio da língua portuguesa no que toca à escolha de estratégias ou actividades que possibilitem aos alunos exercitarem a prática da oralidade e também outras competências. Também, tal ausência reside nos próprios alunos que demonstram desinteresse pela língua portuguesa, que não sentem à vontade com o professor que tem os erros a nível da concordância verbal e da pronúncia.

Ainda, constatamos que a língua materna pode dificultar a expressão oral, na medida em que, segundo os professores, o quotidiano dos alunos é em crioulo. É através dele que os alunos expressam-se e muitas vezes, ele está presente mesmo no contexto sala de aula onde é exigido que se fale o português e a tendência dos alunos é sempre falarem o crioulo.

De acordo com os dados analisados com base nos questionários dos professores, concluímos que, na medida do possível, Cabo Verde oferece condições para desenvolver a expressão oral como, por exemplo, a formação de professores na área de língua portuguesa que, como já foi referido, consideramos uma das condições importantes para a promoção da expressão oral.

Outro aspecto constatado é que, apesar de alguns alunos apresentarem algumas dificuldades a nível da expressão oral, eles têm uma relação com a língua portuguesa mesmo no ambiente extra-escolar.

Consideramos positivo o facto de os alunos atribuírem importância à língua portuguesa e nas outras aulas alguns também se expressarem, com frequência, em português. No entanto, pela avaliação que os professores fizeram da expressão oral dos alunos concluímos que talvez seja necessário modificar os métodos de ensino da língua portuguesa, procurando, simultaneamente, resolver a interferência da língua materna.

Achamos ainda importante referir que parece não existir uma receita para o trabalho da expressão oral, dado que a literatura não apresenta métodos e técnicas que sejam infalíveis para trabalhar esta questão; ela apenas, como seria esperado, sugere-nos algumas metodologias, que poderão ou não adequar-se à realidade de cada docente. Pensámos, por isso, que caberá ao professor seleccionar as melhores estratégias, que se adequem quer aos conteúdos, quer à realidade dos alunos e do país.

Acreditamos que na aula de língua portuguesa o professor tem várias oportunidades, onde ele poderá exercitar a prática da oralidade com os seus alunos, desenvolvendo em simultâneo a capacidade da expressão oral e fazendo com que estes sintam seguros e

confiantes em utilizar a língua portuguesa de forma natural e espontânea como se estivessem a utilizar a língua materna.

Acreditamos que o aumento da expressão oral em língua portuguesa ajudará a dissipar os medos ou constrangimentos que eventualmente existem, contribuindo para o aperfeiçoamento desta língua. Se tal se concretizar, a curto ou a médio prazo, pensamos que teremos alunos que se expressem em língua portuguesa tão bem quanto se expressam em língua cabo-verdiana.

6. Bibliografia

-
- Dicionário Língua Portuguesa Prestígio*, Porto: Porto Editora 2007
- ALMADA, D.D.**, *Uma Nova Pedagogia do Ensino do Português em Cabo Verde*, In Revista Raízes nº2 ano 1, Abril a Junho - Imprensa Praia 1977
- AMOR, E.**, *A Oralidade na Escola e na Aula de Língua Portuguesa*, in Didáctica do Português, Lisboa: Texto Editora, 2001
- AMOR, E.**, *Didáctica do Português- Fundamentos e Metodologia*, Lisboa: Texto Editora, 1993
- AMOR, E.**, *Dominar a Palavra – Aperfeiçoar a Expressão*, in Didáctica do Português, Lisboa: Texto Editora, 2001
- AMOR, E.**, *Utilizar Técnicas de Comunicação*, in Didáctica do Português, Lisboa: Texto Editora, 2001
- BERGMANN, L. M.**, *A Prática da Oratória: Uma Investigação do Tratamento da Oralidade no Ensino de Língua Materna*, Porto Alegre: UFRGS/FACED, 1998. (Tese de Mestrado em Educação).
- BERGMANN, L.M.** (2004), *O Discurso Oral (formal) em Sala de Aula, no Ensino de Língua Portuguesa* (online) disponível em <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=605> (acesso em 08.11.2008)

GOMES, A., et al, *Guia do Professor de Língua Portuguesa*, 1º Volume, 3º Nível, Fundação Calouste Gulbenkian/Lisboa: 1991

GOMES, A., et al, *Guia do Professor de Língua Portuguesa*, 1º Volume, 1º e 2º Nível, Fundação Calouste Gulbenkian/Lisboa, 1991

LAMAS, E.P.R., et al, *Técnicas de Expressão Oral e Escrita*, Edição: Instituto Superior de Língua Portuguesa, Setembro de 2007

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2009). Explicatorium da Língua Portuguesa. (on-line) disponível em <http://www.explicatorium.com/comp-port.php> (acesso a 23.04.2009)

PINTO, (2001) J.A., *Cabo Verde, Ensino da Língua Portuguesa: que futuro?*, disponível em <http://www.reveus-tlurielles.org/-uploads.tds> (acesso em 19.03.09)

POSTIC, M., *Observação e Formação de Professores*, Coimbra: Almeida, , 1990

REIS et al, *Didáctica do Português*, Lisboa: Universidade Aberta, 1992

SEQUEIRA, F. et al, *Ensino-Aprendizagem da Língua Portuguesa*, Leiria: Instituto Politécnico de Leiria. 1993

TAVARES, C. F., *Os Media e a Aprendizagem*, Lisboa: Universidade Aberta, 2000

TRINDADE, A.R., *Introdução à Comunicação Educacional*, Lisboa: Universidade Aberta, 1990

VEIGA, M., *A construção do Bilinguismo*, Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2004

www.wikipedia.org (acesso a 23.04.2009)

Anexos

Anexo I – Questionário destinado aos alunos

Questionário destinado aos alunos

O presente questionário tem por objectivo recolher dados para a realização do trabalho de fim de curso intitulado “*O Desenvolvimento da Capacidade da Expressão Oral na aula de Língua Portuguesa*”. Garantimos a confidencialidade de todas as informações recolhidas e desde já agradecemos a tua prestimosa colaboração.

Responde marcando um **X** na opção de resposta que se segue.

Idade: _____

Sexo: Masc.(☐) Femin(☐)

Profissão : _____

Escola : _____

1. Gostas do português/ língua portuguesa?

Sim (☐) **Não** (☐)

Assinale a sua opção de resposta com um “X”, de acordo com a escala que se segue - “Nunca”, “Às vezes” e “Sempre”.

1.1 Se respondeste “NÃO”, fundamenta a tua resposta, de acordo com as opções que se seguem:

<i>Não gosto da língua portuguesa porque:</i>	Nunca	Às Vezes	Sempre
É difícil de falar			
Tem muitas regras gramaticais			
Não é minha língua materna			
Dificulta a aprendizagem das línguas estrangeiras			
Outras (<input type="checkbox"/>) Quais? _____ _____			

2. Costumas expressar-te com frequência nas aulas de Língua Portuguesa?

Sim () **Não** () **Às vezes** ()

Se respondeste “**Não**” ou “**Às vezes**” na questão nº2, responde à questão que se segue.

2.1 Qual a(s) principal(ais) razão(ões) que te impede(m) de expressares em português na sala de aula?

<i>Razões que impedem a expressão em português na sala de aula</i>	Nunca	Às Vezes	Sempre
Pouco à vontade com o(a) professor(a)			
Pouco à vontade com os colegas			
Dificuldades a nível da pronúncia			
Erros de concordância verbal			
Falta de motivação por parte do professor			
Timidez perante os colegas			
Medo de ouvir a própria voz			
Outras () Quais? _____ _____			

4. Onde é que te expressas mais em língua portuguesa sem ser na aula de Língua Portuguesa?

<i>Outros locais que a língua portuguesa é expressa</i>	Nunca	Às Vezes	Sempre
Em casa			
Nos estabelecimentos públicos			
Nas outras aulas			
Nos locais de recreação			
No autocarro com os colegas e professores			
Na rua			
Outras () Quais? _____			

5. Que importância concedes ao uso da língua portuguesa na sala de aula?

<i>Importância do uso da língua portuguesa</i>	Nunca	Às Vezes	Sempre
Permite-me ser um bom comunicador			
Contribui para o sucesso profissional			
Não tem importância			
Facilita a aquisição das informações			
Outras () Quais? _____			

6. Na aula de português, exprimes-te mais e melhor na língua cabo-verdiana?

Sim () **Não** () **Às vezes** ()

6.1. Se respondeste “**Sim**” ou “**Às vezes**” justifica a tua resposta.

7. Achas que o professor de Língua Portuguesa fomenta a expressão oral?

Sim() **Não**() **As vezes**()

8. Quais as tuas propostas para o aumento/melhoria da expressão oral?

Exercitar(falar) o português nos ambientes extra-escolares()

Ler bastante livros ()

Fazer simulações em casa da exposição de um tema livre ou uma peça de teatro ()

Outras ()

Quais? _____

Anexo II - Questionário destinado aos professores de Língua portuguesa

Questionário destinado aos professores de Língua Portuguesa

O presente questionário tem por objectivo recolher dados para a realização do trabalho de fim de curso intitulado “*O Desenvolvimento da Capacidade da Expressão Oral na Aula de Língua Portuguesa*”. Garantimos a confidencialidade de todas as informações recolhidas e desde já agradecemos a sua prestimosa colaboração.

Responda marcando com um **X** nas opções de resposta.

Idade: _____

Sexo: Masc.() Femin.()

Profissão : _____

Escola : _____

Assinale a sua opção de resposta com um “X”, de acordo com a escala que se segue - “Nunca”, “Às vezes” e “Sempre”.

1. Das estratégias que se seguem, quais são as que mais utiliza na sala de aula para o desenvolvimento da expressão oral?

<i>Estratégias utilizadas na sala de aula</i>	Nunca	Às Vezes	Sempre
Exposição participada			
Debate			
Dramatização			
Narração			
Outras () Quais? _____			

2. Considera que essas estratégias são eficazes?

Sim () Não() Às vezes()

2.1 Se respondeu “**Não**” ou “**Às vezes**”, justifique a sua resposta.

3. Dos recursos didácticos que se seguem, quais são os que mais utiliza na sala de aula para o desenvolvimento da expressão oral?

<i>Recursos Didácticos</i>	Nunca	Às	Sempre
Livro			
Cartaz			
Quadro			
Vídeo			
Rádio Gravador			
Retroprojector			
Outros() Quais?_____			

4. Como professor de Língua Portuguesa, considera que a nossa língua materna poderá dificultar a expressão oral na sala de aula?

Sim () Não() Às vezes()

4.1. Se respondeu “**Sim**” ou “**Às vezes**” justifique a sua resposta.

5. Como avaliaria a expressão oral dos seus alunos?

Muito Bom() Bom() Suficiente() Mau()

5.1. Se respondeu “Suficiente” ou “Mau”, o que considera estar na origem dessas dificuldades? _____

6. O sucesso escolar dos alunos em Língua Portuguesa poderá estar relacionado com a expressão oral?

Sim () Não() Às vezes()

7. A escola oferece condições para a promoção da expressão oral?

Sim() Não()

7.1 Se respondeu “Sim” , quais as condições ?

- Professores formados na área da língua portuguesa()
- Materiais didáticos eficazes ()
- Criação de laboratório de língua na escola ()
- Realizações de concursos - teatro, recitações de poesia, apresentação de um tema livre - em língua portuguesa ()
- Atribuições de prémios aos melhores alunos de L.P ()
- Outras ()

Quais? _____

8. Qual a importância da expressão oral em Cabo-Verde? Aponte **três razões**.

9. Acha que Cabo Verde oferece condições para aluno desenvolver a expressão oral?

Sim() Não()

9.1. Justifique a sua resposta.

10. Como professor de Língua Portuguesa, sugira **três propostas** para a melhoria da expressão oral na aula de Língua Portuguesa.
